



Érica de Oliveira & João Paulo Hergesel

organizadores

**Os sapatinhos de Dorothy
e outros itens fantásticos**



– antologia literária –

1.^a edição



Editora Jogo de Palavras

Alumínio, SP • 2019

Copyright © Editora Jogo de Palavras, 2019

Editoração: João Paulo Hergesel

Revisão: Érica de Oliveira

Capa: Karol Póss (com ilustração *CC0 License*)

Folha de guarda: ddraw | Freepik

Ilustrações do rodapé: Freepik

S241 Os sapatinhos de Dorothy e outros itens fantásticos: antologia literária.
/ organizado por Érica de Oliveira e João Paulo Hergesel. – Alumínio,
SP : Jogo de Palavras, 2019.
140 p. ; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-80097-44-9

I. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Contos. 4. Fantasia.
I. Oliveira, Érica de. II. Hergesel, João Paulo. III. Título.

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Jogo de Palavras

Alumínio, SP • 2019

www.jogodepalavras.com



Dorothy with slippers

ILUSTRADOR: William Wallace Denslow

ANO: 1900

(em domínio público desde 1985)

– Mesmo assim – disse o Espantalho – vou pedir um cérebro em vez de um coração. Porque um burro, mesmo se tivesse um coração, não ia saber o que fazer com ele.

– E eu vou ficar com o coração – respondeu o Lenhador de Lata. – Porque um cérebro não faz ninguém feliz, e a felicidade é a melhor coisa do mundo.

*O mágico de Oz, de L. Frank Baum,
em tradução de Sérgio Flaksman.*

Sumário

Vertigem

André Galvão11

O tempo é agora

Bárbara Leal Pippa15

Alamo, a vingadora

Carla Taíssa Laureano Santana20

Toque mágico

Evandro Valentim de Melo29

A mudança

Jhonatan Mata40

As Mana Wyrms

João Eduardo Cerqueira Wanderley Cruz43

Amor e Alegria – uma fábula

João Libero Rosa Marques49

O primeiro passo

Joaquim Bispo52

Oniros

Luan Claro de Lima Mendonça57

Esmeralda, a bruxa bondosa

Lúcia Helena Gomes59

Visitantes noturnos

Lu Evans..... 68

Carnaval

Maria Aparecida Sanches Coquemala 79

A Árvore da Vida

Meg Mendes 81

O Mestre

Paulo Luís Ferreira 91

O herdeiro e o solista

Rodrigo Mendes 100

Apocalipse

Rozz Messias 110

As 4 portas

Sergio Dias de Oliveira..... 117

A caçada à quimera

Tauã Lima Verdan Rangel 125

Sobre os autores 135

Vertigem

André Galvão

A estrada era eminentemente reta. A neblina encobria o horizonte e trazia um halo frio entrando pela janela entreaberta. No rádio, uma música triste emoldurava o cenário brumoso que se apresentava ao motorista solitário.

A alvorada já se constituía quando ele avistou aquela mulher à beira da estrada. Vestia um capuz amarrotado sobre vestes simples. Decidiu então parar o carro. Como por aquela estrada só se chegava a um destino, não precisou perguntar aonde ela ia. Perguntou apenas se queria uma carona. Ela sacudiu lentamente a cabeça, respondendo afirmativamente.

A viagem permaneceria silenciosa, não fosse pelas músicas melancólicas que se sucediam no rádio. A viajante se mantinha imóvel, deixando escapar, por vezes, olhares furtivos sobre o motorista.

Ele resolveu puxar conversa: perguntou onde morava. Em vão. Não ouviu resposta. Aquilo fez com que despertasse sua curiosidade. Por que não respondera? Devia tentar novamente? Talvez tivesse vergonha de falar.

Tentou novamente: perguntou-lhe seu nome. De início, novo silêncio, parecia ser mais uma tentativa sem sucesso, quando ela



respondeu: “Maria das Dores”. Não ficou tão surpreso com a resposta quanto com a voz da passageira: era uma criança!

Agora estava realmente preocupado. O que fazia uma criança, sozinha, àquela hora, na beira da estrada? Várias outras perguntas lhe vieram à mente, mas achou melhor não as fazer, temendo ouvir mais uma vez o silêncio como resposta. Prosseguiu a viagem, mesmo incomodado com a situação.

Alguns quilômetros adiante, avistou um obstáculo na pista. Era um cavalo, agonizando. Parou o carro e percebeu que muito pouco podia fazer. Um animal daquele tamanho, atravessado na estrada, não tinha como ser removido por uma só pessoa. E não poderia contar com sua passageira, tão pequena e frágil.

Naquelas paragens não se via um pé de pessoa, nem mesmo uma casinha ao longe. Agora estava condenado a esperar que alguém aparecesse e o ajudasse a remover o animal moribundo do meio da estrada.

Minutos depois, a misteriosa viajante saiu lentamente do carro e foi em direção ao animal. Agachou-se diante dele, abaixou a cabeça e, murmurando algo indecifrável, recolheu algumas lágrimas do seu rosto e passou sobre a cabeça do bicho. Repentinamente, ele levanta, tremendo, e trôpego se dirige ao pasto paralelo à estrada. Nesse momento, a menina desmaia no meio da pista.



O motorista, atônito diante do que acabara de presenciar, corre na direção dela e com a voz embargada, grita o seu nome, tentando acordá-la. Ao mesmo tempo, olha ao seu redor, percebendo que o cavalo havia desaparecido no verde da pastagem.

Ela abriu os olhos e rapidamente afastou-se do homem. Olhava-o como se temesse algo terrível. Ele tentou acalmá-la, mas ela permanecia amedrontada, com os olhos arregalados e lacrimejantes, quando gritou:

– Saia daqui! Vá-se embora logo! Não era isso que tu querias? A estrada está livre! Podes ir!

Ele não entendeu nada, estava confuso, não acreditou no que acabara de presenciar. Queria perguntar o que havia acontecido, mas a feição da menina mudara, até a sua voz parecia diferente. Contra a vontade, entrou no carro e seguiu adiante. Olhava pelo retrovisor e via aquela silhueta pequena se perdendo no vão da estrada.

Não se sentiu à vontade para comentar o ocorrido com ninguém da cidade. Estava inquieto, e decidiu voltar no mesmo dia. Voltou à estrada no fim da tarde, e já era noite quando passava próximo ao local em que tudo acontecera.

Começou a chover e a escuridão se fez ainda maior, cortada apenas pelos faróis do carro. Ele olhava para todos os lados, tentando ver ou rever algo que explicasse a cena daquele dia ao amanhecer.



Olhava para trás quando um estrondo seguido de um clarão fez com que freasse o carro abruptamente. Quando se recuperou do susto, viu, parado na frente do carro, o cavalo ressuscitado pela menina. O animal tinha os olhos iluminados e levantou as patas dianteiras, dando um relincho ensurdecedor.

O viajante acordou com a luz do sol em seus olhos. Saiu do automóvel e percebeu que estava à beira da estrada, bem longe da cidade que visitara no dia anterior. Suas lembranças estavam confusas, lembrava da menina, do cavalo, mas não conseguia lembrar do que acontecera depois do susto da noite passada.

Ligou o carro, pôs-se na estrada novamente. A memória se perdia nos detalhes, e uma confusão de fatos povoava sua cabeça. Só podia ter sido um sonho. Parara na beira da estrada para esperar a forte chuva passar e pegara no sono. Foi isso. Chegando a um cruzamento, viu uma pequena mercearia e resolveu parar para um café. Cairia bem colocar alguma coisa no estômago.

La entrando na mercearia quando reparou numa pequena capela ao lado, ornada de flores e pedras de vários matizes. Aproximou-se e notou uma placa com alguma coisa escrita. Percebeu ser uma lápide. Chegou mais perto e finalmente conseguiu ler o que estava escrito: “Maria das Dores – a protetora dos animais”.



O tempo é agora

Bárbara Leal Pippa

O tempo parou.

Congelou.

Estagnou.

O ponteiro do relógio de pulso preso ao meu pulso que pulsa um batimento descompassado também está parado nas últimas instâncias da hora passada. E faz apenas um minuto. Mas tudo está travado.

As pessoas que andavam, cessaram. As pessoas que estavam estacionadas permaneceram. Não há vento. Não há sons. Não há fumaça de escapamentos de veículos. Até o sol está sem emitir raios na direção desta avenida comprida e movimentada que desmovimentou.

Porém, eu não.

Meus olhos piscam. Meus cílios se tocam. Meu nariz puxa e solta o ar. Meu peito desce e sobe com a respiração. Meu coração bate. E minha cabeça lateja uma dor pulsante.

Enxaqueca, como sempre. Remédio, como sempre. Manifestação da dor, como sempre. Contudo, algo novo aconteceu durante a vinda de casa até uma farmácia qualquer pelo bairro igual aos outros bairros, com as pessoas iguais às outras pessoas, com tudo igual aos outros todos. Antes de adentrar na drogaria houve um estalo.



Estalo.

Ouvi um zumbido forte em meu ouvido.

Zumbido.

Senti uma descarga forte como um raio percorrer as veias de meu cérebro.

Tempestade.

Levei a mão ao crânio impactada com a dor repentina – ainda mais forte – e dei um grito.

Grito.

De dor.

E, então, tudo parou.

O relógio, as pessoas, os carros, o tempo.

E a dor também.

E tudo durou um minuto e, de repente, ao retirar a mão da cabeça, as coisas retornaram ao movimento cotidiano, sem nem perceber o que estava acontecendo há segundos. Sem sombras de quebra na rotina alheia, apenas na minha. Sem nada para declarar de diferente nas visões que me viam. Apenas na minha. E, outra vez, um choque tremendo percorrendo a extensão de minha espinha até o cérebro e um grito.

E tudo parou.

De novo.

E aí eu corri.



Corri no meio dos carros parados. Encostei-me aos seres humanos em forma de estátua. Bati nos vidros das lojas abertas.

Será que eu parei o mundo ou o mundo ao meu redor que se parou?

Por onde eu passava estava a pose gravada do movimento que havia sido realizado antes de eu interromper.

Era mágica.

Era poder.

Era algo que deveria ser aproveitado.

E então houve outro relâmpago na tempestade subterrânea de meus cabelos e tudo voltou ao que era antes de ser o que estava.

Se eu podia parar o tempo, iria utilizá-lo a meu favor.

Peguei roupas de lojas, sapatos de vitrines. Comidas de supermercados. E dinheiro de bancos. Nos jornais não entendiam o sumiço das mercadorias sem ter registros para mostrar o que aconteceu – as câmeras também travavam e não capturavam meus movimentos.

Foi um dia.

Dois.

Três.

Um mês.

Dois.

Três.



No quarto mês as dores desapareceram. Sem pausas na rotina. Sem acréscimos furtados das histórias alheias. A magia fora embora e deixara apenas a consciência pesada comigo.

Sem dor não conseguia trazer a pausa. Sem dor não conseguia dobrar o tempo. Ele era indomável, intacto, intocável.

Mas, as virtudes haviam ido embora com o bom senso no dia em que a fantasia de vícios adentrou meu ser. E eu precisava continuar. Precisava seguir. Precisava fazer o tempo parar novamente, pelo menos por mais uma última vez.

Uma.

Última vez.

Eu tinha de causar a dor por um bem maior.

Eu tinha de trazer a dor para algo maior.

Eu tinha de fazer a dor para ter algo maior.

Eu tinha que sentir a dor para sentir

Porque quanto mais se tem, mais se quer, mais se almeja, mais se deseja.

Bater a cabeça na parede não resolveria, teria de ser algo grandioso e magnífico. Avistei um carro estacionado em um morro. Quebrei sua janela. Soltei o freio de mão. Desci a ladeira rumo ao infinito. Contudo eu não parei o tempo.



O carro bateu em um ônibus que fazia o cruzamento, e, com o impacto, girou, girou e capotou. E caiu no rio poluído que dava margem para a rua asfaltada. E ficou submerso. E eu fiquei lá dentro.

O tempo que me parou.



Alamoia, a vingadora

Carla Taíssa Laureano Santana

As conversas, risadas e a cantoria se escutavam ao longe. Os marujos embriagados festejavam como se não houvesse amanhã. E era uma festa merecida, afinal o navio deles era agora o mais célebre da frota imperial portuguesa. Os homens do capitão Bernardo Alvarenga Freitas tinham expulsado corsários franceses da costa da colônia brasileira e salvado as riquezas da corte. Os detalhes épicos da batalha já eram espalhados com rapidez por toda a capital e os nomes dos marujos entrariam com certeza para os anais da história.

Porém, naquele momento os vinte e um marujos eram apenas homens comuns festejando na beira do porto, com muito vinho, mulheres e um belo pôr-do-sol como cenário. Além das mirabolantes e incansáveis histórias dos mares. O conto da vez era do primeiro imediato, Miguel, um jovem de pele bronzeada no auge de seus 28 anos. Era um dos mais sensatos da tripulação e o único que estava mais sóbrio, com exceção do capitão Bernardo, sempre com sua pompa e charme.

– Vocês podem rir, mas o que eu digo é verdade! Essa mulher maldita virá nos atacar.

Os risos agora eram mais altos, enquanto as garçonetes do único bar mais próximo serviam nova rodada de vinho.



– Tudo bem Miguel, deleite-nos com sua lenda – incitou o capitão.

– Não é uma lenda senhor, é verídico.

– Homem, você está é com medo – zombou Luigi, o navegador italiano. – Ande, tome mais um gole e divirta-se com uma das damas!

– Para ser morto?

– Então, segundo a sua teoria, essas belas moças nos levarão para a morte? – perguntou Bernardo rindo da inocência de seu imediato.

– Deixe-me explicar! A história está se espalhando por todas as capitâneas como água! É a lenda da Alamoá, a vingadora.

– Explique.

– Senhor, dizem que ela é uma belíssima jovem que encanta marinheiros e os atrai para a morte. Tudo começou por causa de um antigo pirata espanhol que atracou em uma das capitâneas há muitos anos. Sua coragem e beleza seduziram de pronto todas as moças da região, incluindo Anahi, uma bela índia. A moça era a filha do pajé da tribo e tinha ligação com a magia dos elementos naturais. Anahi era muito protegida, já que um dia seu papel era substituir seu pai. Mas, naquela noite ela conseguiu escapar para se aproximar dos homens brancos e ver também a beleza do mar. Então, assim que o viu, a jovem apaixonou-se perdidamente pelo pirata que lhe jurou amor eterno. Porém, o homem só queria mesmo era o poder de Anahi.



– E então presumo que ele a seduziu?

– Exato capitão. O homem aproveitou o sono tranquilo da índia, e usou um amuleto para extrair o poder dela e fugiu. Quando Anahi acordou abandonada tentou ir atrás do navio pirata, mas ele sumiu sem deixar rastros. É claro que quando a jovem retornou para a aldeia, foi expulsa por trazer vergonha à família. E, como castigo, ela ainda foi amaldiçoada. Seu pai retirou toda a beleza dela e a transformou em um monstro para que nunca mais seduzisse nenhum homem.

– E é esse monstro que vem nos atacar? Pelo amor de Deus, homem, isso é história desses bugres burros para assustar maricas! – Reclamou Pedro, outro dos marujos.

– Eu estou dando minha palavra que Anahi existe! A história ainda não acabou! Depois de ter sido banida, ela estava tão triste e envergonhada que tentou se afogar no mar. Mas a deusa das águas viu seu sofrimento e se compadeceu. Anahi foi salva e ganhou novamente a forma humana. Porém, sua forma só se mantém durante o dia, a noite ela volta a ser o monstro que todos chamam de Alamoá. A jovem índia recuperou sua força e, influenciada pela deusa, foi atrás do pirata que havia roubado seus poderes em busca de vingança. O homem ficou desesperado ao vê-la e implorou por misericórdia. Chegou a devolver o amuleto com seus poderes, mas Anahi se transformou em Alamoá e seu poder implacável matou não só o pirata, como toda sua triplicação!



Bernardo riu enquanto segurava uma corrente que brilhava em seu pescoço. O capitão se divertia com as histórias de sua tripulação, a maioria provocada pelo medo ou ignorância.

– Alamoá passou desde então a atacar todos os piratas que encontra em seu caminho – continuou Miguel. – É sua vingança eterna! Ela virá nos matar!

– Pelo amor de Deus, ninguém dá mais vinho para esse homem!
– gritou Pedro.

Então, segundo sua teoria essas lindas moças que nos servem carinhosamente a bebida, irão se transformar em um monstro horrendo?
– perguntou Bernardo sorrindo para uma das garçonetes.

– Eu não confiaria nelas senhor!

– Vamos homem, estão nos servindo e muito bem. Não as deixe com uma impressão ruim sobre nós – repreendeu o capitão.

– Jamais, meu senhor. Ficamos honradas em servir os heróis da coroa – respondeu uma das damas se aproximando do capitão.

– Viu só? Elas nos consideram seus heróis. Não seja ingrato.

– Isso tudo é um plano.

Miguel prosseguiu com sua tese de que em algum momento naquela noite os marujos seriam atacados. Sob a luz do luar, agora já com a noite chegando, cada detalhe lhe parecia ainda mais assustador. Seus companheiros, ao contrário, estavam mais do que satisfeitos com a



noite. Depois de uma intensa batalha e perdas de colegas, era bom ter status de herói e ainda poder aproveitar a companhia de belas mulheres prontas para servi-los. Ninguém dava atenção às preocupações do primeiro imediato.

Pouco a pouco, cada marinheiro já bêbado aceitou de bom grado a companhia de uma das damas. Os casais desapareceram pela noite que continuaria a ser comemorada em grande farra. Com exceção de Manoel, que todos sabiam, deveria estar em alguma embarcação vizinha se divertindo com outro marinheiro. O que era um alívio para Miguel, pelo menos esse amigo continuaria vivo.

– Vamos lá, Miguel, me ajude a guardar tudo isso. Sabemos que eles não voltarão antes do amanhecer – disse Bernardo com calma. Ele beijou a mão da dama que lhe servia e começou a reunir os pertences dos marujos. Além de pagar uma generosa gorjeta pelo atendimento. Como todos sabiam, Bernardo jamais se deitava com as mesmas mulheres que serviam seus marujos. O capitão voltaria para o barco e com certeza teria sua própria cortesã o esperando. Mas, naquela noite ele se contentou em acompanhar seu primeiro imediato. O homem tremia de tanto nervosismo e o capitão temia que ele fizesse alguma besteira.

Miguel estava irredutível em sair de terra firme, afinal o mar era o lar de Alamoia e seria tolice ir justamente para o barco. Bernardo teve muita dificuldade para fazer o imediato entender que não corriam perigo.



Se ela fosse os atacar já teria feito, afinal estavam todos bêbados e indefesos.

Miguel pensou um pouco e ainda se sentia desconfiado. Mas resolveu, por fim, confiar em seu capitão. Eram anos de batalha juntos e Bernardo era um homem experiente. Logicamente se tivesse qualquer perigo, o capitão seria o primeiro a perceber.

Foi com muito esforço que Miguel finalmente se permitiu relaxar. Ele e Bernardo caminharam em silêncio, aproveitando a tranquilidade da costa. Carregaram os instrumentos de navegação, roupas e garrafas de volta para o bote e depois remaram até onde o navio estava atracado. Foi difícil carregar os pertences com apenas dois homens, mas depois de meia hora estava tudo no convés.

– Arrume tudo, por favor, Miguel.

O primeiro imediato assentiu e começou a cumprir as ordens. Como não era muito de beber, estava sóbrio o suficiente para limpar a bagunça dos companheiros. Enquanto isso, Bernardo sentou-se e começou a afiar sua espada enquanto cantarolava qualquer canção sobre o mar.

Ali, naquele clima tranquilo, Miguel finalmente percebeu como estava sendo tolo. Talvez os ataques fossem frutos de ações de pirataria. A população local aumentava muito as histórias, e ele sabia como marinheiros adoravam aumentar os fatos e enfeitar as histórias para



parecerem mais heroicas e honradas do que realmente eram. Essa perspectiva o deixou tão animado que resolveu até agradar o capitão e dar uma geral em seus aposentos. De certo que em breve chegaria sua cortesã e ele iria querer o quarto pronto.

Miguel abriu a velha porta de madeira e encarou o breu escuro procurando uma vela. Assim que encontrou acendeu e finalmente pode enxergar o aposento. Não antes de soltar um grito de pavor. Seus olhos se depararam com uma cena digna das mais horripilantes histórias dos mares. O corpo do capitão Bernardo jazia banhado em sangue. Estava todo cortado e tinha a cabeça separada do corpo e largada mais adiante.

– Mas o que é isso?

O primeiro imediato virou-se e percebeu ainda mais apavorado que a figura de Bernardo ainda continuava afiando sua espada no convés.

“Como pode isso? Dois capitães?”

– É claro que não, Miguel! – disse Bernardo, como que lendo os pensamentos de Miguel. Porém agora sua voz era feminina e muito sedutora. – Acho que sua história não era tão mentirosa. Uma pena que seus amigos não acreditaram.

Uma risada gélida arrepiou os pelos da nuca de Miguel, enquanto seu capitão se levantava e aos poucos se transformava em uma linda índia. Em seu peito, o amuleto brilhava com a luz do luar, era exatamente como a lenda descrevia.



O primeiro imediato português apressou-se em fechar seus olhos. Sabia que se olhasse diretamente para Alamo se cairia apaixonado e morreria.

“Não abra os olhos, não abra os olhos...”, repetia o marujo, enquanto Alamo se divertia.

– Por que não, Miguel? Abra! Olhe para mim! Fez uma descrição tão perfeita da minha história! Eu mesmo não teria falado melhor!

“Meu Deus, ela ouve o que eu penso! Saia da minha cabeça!”

Mas Alamo continuava se divertindo com o desespero do português.

– Tenha piedade! Nunca lhe fiz mal! – ele suplicou.

– Piedade? Piedade?! E quem teve piedade comigo! Fui usada por um marinheiro sujo e expulsa de minha própria tribo! Homens são a escória da terra, e vocês vão pagar caro por tudo isso.

A Índia chegou mais perto de Miguel e usou seus poderes para obrigar o jovem a abrir os olhos e vê-la. Mesmo sabendo de cor a história de Alamo, Miguel não pode deixar de sentir o coração acelerar e se admirar com a beleza e os encantos da bela jovem. Era difícil manter o controle e logo o marujo se pegou indo mais para perto de Alamo.

– Isso, venha para mim.



Miguel abandonou o último traço de sanidade que ainda lhe restava e tomou Alamoia para si. Ele lhe roubou um beijo apaixonado e deliciou-se com os lábios quentes e carnudos da Índia.

Porém, sua alegria durou pouco. A linda jovem foi aos poucos se tornando um monstro horrendo. O rosto era coberto de feridas, os olhos como fogo em brasa, de sua cabeça saíam chifres grandes e negros, seu corpo era peludo e bestial, além de ter o tamanho de dois homens.

Miguel sentia-se desesperado. Para onde iria fugir? Sabia que a morte chegaria em instantes.

“Está pronto para pagar seu preço, marujo?”

Alamoia nem esperou Miguel responder. Ela o atacou como uma fera voraz e o jovem foi tragado pelo mar. Enquanto sufocava e tinha o corpo dilacerado, a última visão que Miguel teve foi da fera se transformando novamente em Índia e lhe dando adeus.



Toque mágico

Evandro Valentim de Melo

Bianca exalava alegria. Recém-saída do consultório, portava a ansiada autorização para se submeter à cirurgia de redução de estômago. Releu uma, duas vezes... Até achou bonitos os garranchos do médico.

Avistou Cristóvão, querido amigo, técnico em segurança da empresa, carinhosamente apelidado “anjo da guarda” por todos. Quis compartilhar a boa nova.

A certa distância, Cristóvão recolhia extintores de incêndio para recarga.

– Cristóvão, adivinha! – disse Bianca enquanto caminhava. Tão feliz se encontrava, nem percebeu o aviso de “cuidado, piso escorregadio”.

O médico trabalhista prestou os primeiros socorros à acidentada. Cristóvão contactou os bombeiros e permaneceu ao lado da amiga, confortando-a, segurando-lhe as mãos. Entre lamentos e ais, ela conseguiu comentar:

–Sacanagem! Logo agora que eu poderia fazer a cirurgia, isso acontece.



– Acalme-se. Você ficará boa logo. Em breve estará restabelecida. Tenho certeza. Daqui a alguns dias, brindaremos à sua nova fase de modelo magrela de passarela. Já até lhe vejo toda bonitona...

– Obrigada – ela lhe disse, em um meio sorriso. O único a driblar a dor.

As portas da ambulância se fecharem e o veículo partiu.

Mais tarde, a confirmação: Bianca se afastaria do trabalho, ao menos, por trinta dias. O sobrepeso da amiga, contribuiu para agravar as consequências da queda.

Como palitos de fósforo, Chronos, senhor do tempo, queimou um a um, vinte e cinco dias. Entre um palito e outro, Cristóvão trabalhava, imerso em seus afazeres profissionais. A vida seguiu e lá se foi o mês de agosto, o mais comprido do ano.

“Hoje é quinta-feira, dia de cozidão”, pensava ele, enquanto caminhava para almoçar no quiosque “Aqui, ó”, do casal de amigos Tião e Rosa.

– Soube da Bianca? – perguntou-lhe Rosa, enquanto concluía os preparativos.

– Deve retornar nos próximos dias – respondeu Cristóvão.

– Você está desinformado. Passou aqui hoje cedo. Estava com saudade da minha tapioca. Nem a reconheci de tão magra.



– Magra? Ela fez a cirurgia de redução de estômago?

– Se não fez, foi milagre. Emagreceu uns trinta quilos. Está uma belezura!

Cristóvão estranhou, mas os clientes aguardavam atendimento e ele não prolongou a conversa. Na recepção do edifício, ele ouviu as recepcionistas:

– Como Bianca conseguiu perder tanto peso, em tão pouco tempo e ficar com a pele daquele jeito? Incrível! Se me contassem eu não acreditaria.

– Vai ver foi obra de extraterrestres.

Cristóvão as abordou:

– Com licença, a Bianca de quem vocês falam é aquela que se acidentou, há quase um mês, aqui?

As atendedoras confirmaram. Mais alguns minutos, ele próprio confirmou.

– Sou eu; não é ilusão. Gostou? – perguntou Bianca, enquanto rodopiava.

– Não caia novamente, por favor. Você emagreceu!

– Como por encanto. Sem explicação plausível. Não faço a mínima ideia do que houve. Tampouco os médicos. Durante esses dias de afastamento do trabalho, em repouso, a cada amanhecer eu acordava melhor. E mais magra. Fiz dezenas de exames. Minha saúde está em



ordem. Essa notícia correu. Convidaram-me para matéria de revista e até de TV.

– Você corre o risco de se tornar celebridade.

A previsão de Cristóvão não tardou. Bianca era uma das entrevistadas em um programa de boa audiência na TV. Estava muito bonita. “Minha amiga vai mesmo ficar famosa”.

Dias depois, como sempre fazia, Cristóvão foi ao quiosque.

– Oi, Rosa, tudo bem? Tião está de folga ou você fez dele o prato principal do almoço de hoje?

– Não, só utilizo carne de primeira – disse Rosa sorrindo. Tião foi à Kombi buscar a louça nova. Compramos no final de semana. Será inaugurada hoje, almoço especial.

De repente, um grito de dor e o som de panela caída ao chão. Rosa derramara água fervente em uma das pernas. Queimadura séria. Precisava ser levada ao hospital sem demora.

Tião guiava como um insano, pouco se importava com a velocidade máxima permitida ou semáforos. A missão era chegar ao pronto-socorro. Cristóvão os acompanhou. Naquele dia, não haveria almoço. Nos próximos, também não.

Rosa apertava a mão de Cristóvão com força desproporcional à sua pequena estatura.



Enquanto Tião resolvia as questões burocráticas para atendimento da esposa, Cristóvão ficou ao lado de Rosa. Ela continuava sentindo dores intensas.

– Rosa, quando Tião resolver as coisas aqui, eu vou ao quiosque. Saímos correndo ele ficou aberto, abandonado.

– Faça isso, meu amigo. Guarde tudo e tranque, se não algum larápio vai surrupiar – Rosa lhe pediu.

Prestados os primeiros socorros, Rosa foi encaminhada à enfermaria.

No meio da tarde, Cristóvão retornou ao hospital. Tião apresentava semblante cansado. Rosa dizia ainda sentir dor. A paciente segurou a mão de Cristóvão. Agradeceu-lhe do fundo do coração. Cristóvão brincou:

– Como sobrevivemos no intervalo do almoço sem a Rosa?

– Só assim me dão valor...

– Linguaruda! Você bem sabe o quanto gostamos de você e do Tião. Quero é lhe ver de volta àquele quiosque rapidinho. Assim, tudo se normaliza e você inaugura a tal louça nova com o almoço especial, combinado?

– Combinado, meu bom amigo.

– A propósito, cuidei de tudo lá no quiosque. Até limpei a bagunça que você deixou.



Mais sete palitos riscados por Chronos depois do acidente com Rosa, Cristóvão chegava ao trabalho e estranhou o movimento no “Aqui, ó”. Aproximou-se.

– Bom dia, Cristóvão! – disse-lhe Rosa, em explosão de alegria.

– Bom dia – respondeu. Estou certo de não ter sido encenação, o acidente foi real. Qual a explicação para você já estar aqui de volta, tão rápido?

– Os médicos do hospital foram maravilhosos. Cuidaram direitinho de mim. A queimadura só deixou pequena cicatriz de recordação.

– É a pura verdade, Cristóvão – confirmou Tião. – Nunca vi nada igual.

– Hoje será aquele almoço interrompido pela queimadura. Você é nosso convidado de honra – disse Rosa.

– Virei com enorme prazer – garantiu Cristóvão, que ficou a matutar: “Como é que ela se curou tão rápido de uma queimadura daquelas?”.

A secura no cerrado se intensificou. Poeira, calor insuportável, primavera, outubro, a estação mostrou a que veio. Chuvas, novembro. Chronos riscava palitos enlouquecidamente. Aproximava-se o final do ano.



Cristóvão decidiu antecipar a compra de presentes. Em breve, reencontraria Bianca, a quem pouco via depois da fama. Encontrar-se-iam na cafeteria que tantas vezes os acolheu. Há pouco, ele embarcara no ônibus um tanto cheio. Era mais um veículo naquele “rio de asfalto e gente”.

Os trabalhadores haviam recebido o adiantamento do décimo terceiro salário. Aproveitavam para pôr as contas atrasadas em dia e fazer outras. De repente, um disparo de arma de fogo, próximo ao motorista. O veículo ziguezagueou na pista. Passageiros gritaram. Um segundo disparo, agora, na parte traseira do ônibus. Uma dupla de malfeitores no ônibus. Desespero geral.

Um dos assaltantes ordenou ao motorista que continuasse dirigindo normalmente. O outro caminhava fazendo a coleta.

– Todo mundo esvaziando as bolsas e os bolsos! Queremos todos os celulares! Ninguém faz mais nada, senão...

A ação dos bandidos transcorria rápida. Porém, uma idosa se sentiu mal. Cristóvão tentou socorrê-la e recebeu forte soco no estômago. Curvou-se com a dor.

– Tá me encarando por quê, *playboy*? – falou o agressor.

Cristóvão, baixou os olhos. Melhor não se arriscar.

– Encoste o ônibus! Abra a porta! – Ordens do outro assaltante ao motorista.



Eles desceram, entraram em um carro que os aguardava e partiram.

Os passageiros desceram do ônibus. Pediram ajuda às pessoas próximas à via. Cristóvão amparou a idosa que, fraca, apresentava falta de ar. Chegaram duas viaturas: polícia e ambulância. Os socorristas deitaram a idosa na maca e a levaram ao hospital. Mais uma vez, Cristóvão acompanhava uma pessoa com destino ao hospital.

A idosa permaneceu consciente todo o trajeto. Os olhos, acima da máscara de oxigênio, expressavam gratidão àquele desconhecido.

Cristóvão relatou o ocorrido na recepção do hospital. Esclareceu não conhecer aquela senhora; mesmo assim, achou prudente acompanhá-la, até algum parente dela chegar.

– Grande susto, hein?! – comentou Cristóvão, apresentando-se à senhora.

– Muito obrigada por tudo, Cristóvão. Eu me chamo Madalena. Lamento nos conhecermos assim, mas é a vida. O mundo está cada dia mais violento. Você se arriscou por mim. Coisa rara hoje em dia.

– Foi instintivo. Tem sido quase rotina para mim, sempre às voltas com incidentes.

– Você é um bom moço, mas aposto que desconhece seu dom.

– Dom?



– Sim, você possui. Talvez não tenha notado. Também tenho um. Bastou você tocar em mim, ainda no ônibus, eu descobri na mesma hora.

– Descobriu o quê?

– Vi sua aura, as boas ações, a ajuda e o cuidado que tem com as pessoas.

– Fiquei curioso...

– Ao seu dom, nós, os iniciados, chamamos “toque mágico”.

– Além de curioso, confuso.

– Bianca e Rosa. Dois nomes em minha mente. Acredito terem se beneficiado de seu dom. Acertei?

– São amigas muito queridas. Elas se acidentaram neste ano. Eu estava próximo nos dois episódios.

– Algo fora do comum aconteceu em seguida?

– Sim. Foi inexplicável, elas se recuperaram de maneira muito rápida. Bianca, além de se curar de uma queda séria, emagreceu mais de trinta quilos. Os médicos não souberam explicar.

– Esse é seu dom: o “toque mágico”. Seu desejo acelerou a cura em ambas.

Cristóvão a olhava perplexo.



– Senti o mesmo desejo de cura direcionado a mim, enquanto me acompanhava na ambulância. Tenho certeza, ainda hoje ficarei bem.

– Outro dia, quando a senhora estiver restabelecida, gostaria de poder conversar mais sobre esse assunto.

– Podemos ir a uma cafeteria. Quem sabe a mesma dos tantos encontros entre você e sua amiga, Bianca... – disse Madalena sorrindo.

– Seu dom é fantástico – emendou Cristóvão.

Ricardo, filho de Madalena, chegou ao hospital. Os três conversaram rapidamente e Cristóvão se foi.

A breve narrativa de Madalena produziu, em Cristóvão, um quê de encantamento, a exemplo dos relatos de Marco Polo a Kublai Khan. Ele precisava saber mais.

Pensativo, caminhava à margem da avenida. “Terei de comprar um novo celular. Difícil, hoje em dia, ficar sem”. A parada de ônibus era logo adiante.

– É ele!

– Certeza? Sim.

– Ei, *playboy*!

Em segundos, Cristóvão olhou para o carro parado a seu lado. Reconheceu um dos assaltantes. Nada mais pôde fazer. Dois tiros e o carro saiu em disparada. Um dos integrantes da *gang* comentou:



– Esse aí não vai nos causar problemas.

Pedestres se aproximaram. Vários ligaram, ao mesmo tempo, para o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência, o SAMU, número 192. Duas perfurações no abdômen de Cristóvão. Ao longe, já se ouvia o ruído da sirene...

No hospital, Madalena se sentiu mal. De novo, falta de ar.

Bianca, em frente ao espelho, produzia-se para receber muitos elogios de Cristóvão.

Rosa e Tião concluíram a compra dos mantimentos, para a produção das refeições da semana seguinte.

A população mundial, submersa no corre-corre de sempre, jamais saberá, mas acabara de perder alguém capaz de curar a depressão, o câncer, a aids, o alzheimer, a esclerose múltipla...



A mudança

Jhonatan Mata

Havia chegado o grande dia – o dia da mudança.

– Eu quero a mudança! Eu quero a mudança!

Gritava o cão enquanto as coisas entravam no caminhão naquele domingo. O gato, mudo, observava toda a movimentação com o olhar cético, em tons de amarelo cítrico. Suas pupilas eram tão grandes que da outra esquina era possível observá-las, jabuticabescas.

– Eu quero a mudança!

Com a língua quente exposta, o cão gritava e andava frenético pelos cômodos já vazios da casa. A possibilidade de outros ares, outros lares, novos cômodos e novas árvores para urinar e demarcar territórios recém-conquistados atiçava sua adrenalina, de modo que era possível sentir o cheiro desse hormônio por entre as barricadas de plástico-bolha, papelão e jornal.

– Cale-se! – bradou o gato, que, naquele instante, tomava ares de pantera, tamanha era sua altivez, amplificada pelos decibéis de sua voz. Não tinha medo, nem esperanças – e suas pupilas gritavam isso. Conhecido por ser um gato discreto, pacato e polido, o gato se transformava, em raros momentos como este, numa bola de pelos incisiva.



O cão fez alguns segundos de silêncio. Em respeito ao gato, que, por tantas vezes, havia sido paciente com suas traquinagens. Em respeito à idade do gato, que era quase o dobro da sua. Em retribuição às tantas vezes em que as pupilas do gato haviam sido muito mais rápidas que as suas e detectado possíveis ladrões que queriam saquear a casa na madrugada. Nessas ocasiões, o gato sempre alertava o cão sobre o intruso. O cão, então, despedia-se nessas horas de seu sono profundo, latia e ganhava dos donos os louros elogiosos pela boa vigilância secretamente terceirizada. O gato nunca fazia questão de elogios, reconhecimentos. Nunca teve medo nem esperança. Já havia vivido em outras casas, tido outros donos. Só queria paz.

Os segundos de paz foram interrompidos pelo cão, que, de frenesi, não cabia em si.

– Eu quero a mudança! A mudançaaaaaaaaaa! – berrava enquanto sofá, botijão, TV e, por último, a samambaia entravam na caçamba.

– Eu quero a mudança!

Ouviu o barulho quente do motor. Fora deixado pra trás. Na calçada fria, se dava conta de que a mudança não lhe incluía. Era um cão digno, leal, dócil, querido no bairro. Nada foi culpa dele! Mas não entraria na nova casa com a qual tanto sonhou. Nem mais na antiga, aquela que tanto protegeu por anos, na companhia do gato.



O silêncio agora era posse do cão. A única coisa que lhe restara. O gato, por sua vez, tomou a palavra:

– Viu só? Nem toda mudança nos favorece. Eu que já fui deixado pra trás em diversas delas, que já troquei de donos, de casas e de pelos algumas vezes, tentei te alertar para a euforia descabida. Mas você, louco, embebido no frisson de sua juventude, só gritava.

O cão então se deu conta de que algo, sim, havia mudado, e não eram os ares, os lares ou as árvores para se demarcar. Ele, tal qual o gato, em tempos passados, havia mudado seu ponto de vista sobre a vida, a gratidão alheia e sobre as próprias mudanças.

Naquela tarde de domingo, cão e gato deitaram-se na calçada fria, suspiraram e viraram um conto.



As Mana Wyrms

João Eduardo Cerqueira Wanderley Cruz

Se você está lendo isto, eu já estou morto. Não desejo ser mórbido ou algo do tipo, mas a verdade precisa ser exposta e se eu não conseguir resolver o assunto a tempo, as pessoas precisam se preparar para o que está por vir. Por esse motivo, deixei instruções para que este e-mail fosse divulgado caso eu não entrasse em contato com meu amigo em 24 horas.

Meu trabalho no governo era ultrassecreto, tanto que somente quatro pessoas no alto escalão do país sabiam da existência de minha divisão: o Almirante de Esquadra, o General de Exército, o Tenente-Brigadeiro e o próprio Presidente. Eu era o encarregado de comandar dez dos melhores espões que já viveram nesse planeta. Contudo, mais do que exímios combatentes, meus subordinados eram extremamente inteligentes e, acima de tudo, céticos. Este traço era uma qualidade essencial na nossa linha de atuação.

Nosso objetivo era investigar qualquer evidência de atividade sobrenatural ou extraterrestre, seja em solo brasileiro, seja em terras estrangeiras. Sim, o sobrenatural é bem real e os humanos definitivamente têm motivos para temer a escuridão. Fomos nós que descobrimos que o tal “chupa-cabra” na verdade era um lobisomem com



sarna demodécica. O pobre coitado, normalmente pacífico e civilizado, não conseguia voltar à forma humana devido à doença, que normalmente só afeta os caninos. Capturamos e tratamos o rapaz, avisando que, se ele atacasse alguém, nossa próxima visita não seria tão gentil.

Contudo, o que preciso contar é o que está acontecendo agora. Recebemos a missão de nos infiltrar na famosa Área 51 nos Estados Unidos, algo extremamente difícil, mas não impossível. Não ficaríamos nem um pouco surpresos de ver extraterrestres lá, afinal, tivemos que dar cabo do famoso ET de Varginha ano passado, depois que ele conseguiu fugir da base secreta brasileira onde era mantido cativo há mais de 20 anos. O que achamos lá, entretanto, surpreendeu todos nós.

Depois de vasculhar por galpões cheios de destroços óvnis em reconstrução e tanques com lobisomens e vampiros congelados, encontramos uma sessão da base completamente sem eletricidade, sendo iluminada completamente por velas. Numa base tão avançada, aquilo nos pareceu estranho demais para não investigar, então, ainda usando as máscaras *hightech* de funcionários da Área 51, entramos naquele espaço.

Sinto um calafrio subir pela minha espinha e me deixa completamente arrepiado só de lembrar da fisionomia daquelas criaturas nas caixas de acrílico. Elas lembravam moreias, mas, além do corpo translúcido, que brilhava com uma luz azul própria, elas voavam mesmo sem asas, como se nadassem pelo ar. Da primeira vez que as vi eram em



torno de 20 espécimes e mediam por volta de um metro de comprimento cada, mas agora já devem estar com quase dez metros e seu número é incerto, devido às circunstâncias.

Descobrimos pelos arquivos do local que, no começo, haviam sido encontrados no Ártico somente dois espécimes, cada um medindo meros 10 centímetros. Eles cresceram em tamanho e em número até que os cientistas da base descobrissem que se alimentavam de energia elétrica e faziam reprodução assexuada na presença dela. Por isso tudo naquela sessão era à luz de velas.

Pelos registros, as criaturas tinham sido batizadas de *Mana Wyrms*, aparentemente por lembrarem uma serpente voadora mística que consome “mana”, a fonte de energia de um jogo de computador. Decidimos roubar uma criatura e levá-las conosco para o Brasil para estudá-las. Colocamos a caixa acrílica da *Mana Wyrms* dentro de uma caixa de papelão com os dizeres “*Old documents to be shred*” escrito do lado, pois os truques mais simples normalmente são os mais eficazes.

Nossa missão ia bem e já estávamos nos preparando para deixar a base quando fomos descobertos. Um dos meus rapazes cometeu o erro de tropeçar e soltar um palavrão em português, alertando os guardas do local. Teríamos dado conta da situação se um dos guardas não tivesse usado um bastão elétrico justamente no meu agente que carregava a



caixa com a criatura. Foi nesse momento que a coisa toda foi “jogada no ventilador”.

A caixa de papelão explodiu em mil pedaços quando a de acrílico não conseguiu mais conter as criaturas que cresciam e se dividiam em velocidade absurda lá dentro. A confusão se instalou de tal forma que os guardas se esqueceram de nós para tentar lidar com as criaturas. O problema é que eles claramente não conheciam as propriedades delas, pois continuaram a atacá-las com os bastões. Naquele instante descobrimos algo óbvio: apesar de gostarem de energia, as *Mana Wyrms* não apreciavam receberem tacadas violentas, esteja o bastão com corrente elétrica ou não.

As criaturas místicas avançaram contra os pobres homens com os grandes dentes brilhantes, destroçando e eletrocutando ao mesmo tempo. Em milésimos de segundos só havia pedaços fumegantes no chão. O ar estalava com a quantidade de eletricidade sendo liberada naquele momento e fez nossos cabelos ficarem em pé. Demonstrando a experiência adquirida através de anos lidando com o sobrenatural, não perdemos tempo e começamos a correr para achar uma posição estratégica melhor. Assim, conseguimos fugir do primeiro ataque, mas as criaturas entraram em frenesi, voando pelos corredores e atacando todos à vista.



Estão soltas, agora, na parte da base que ainda tem energia, se multiplicando e aumentando de tamanho a cada minuto. Criamos barricadas em cada corredor que passamos, tentando lutar da melhor forma possível. Entretanto, ainda não descobrimos uma forma efetiva de eliminá-las, pois nem balas de metralhadoras parecem surtir efeito rápido o suficiente. Agora já é preciso um carregador inteiro para derrubar uma moreia voadora e, conforme forem ficando maiores, será preciso ainda mais munição. Duvido de que haja arsenal suficiente nesse lugar para acabar com todas.

Enquanto escrevo este e-mail, eu posso ouvir os disparos, as explosões de granada e os gritos ficando cada vez mais próximos. Só sobramos eu e mais dois de meus rapazes, e estamos barricados, no momento, na sala de geradores do local. Chegamos à conclusão de que a única chance que temos é criar uma explosão em larga escala então estamos aqui plantando as bombas. Por isso que estou mandando esse relato. Se eu conseguir sair vivo, posso apagar a mensagem do e-mail antes que meu amigo possa ler. Contudo, se ele for exposto ao público, significa que falhamos, que essas criaturas místicas sobreviveram e estão à solta.

Nessa sociedade baseada em energia elétrica, as *Mana Wyrms* serão nossas novas deusas, e elas são temperamentais. Desliguem suas luzes, tirem os eletrodomésticos das tomadas e se escondam em suas



casas, pois a era do reinado dos humanos acabou e todas as criaturas que antes se escondiam nas sombras, agora devem correr soltas.



Amor e Alegria – uma fábula

João Libero Rosa Marques

Havia um reino distante chamado Harmonia, onde reinava a rainha Alegria, os súditos eram pessoas trabalhadoras e alegres. Seu primeiro ministro, o senhor Amizade, era competente e administrava muito bem o reino. Havia alimentos para todos, trabalho [não havia desemprego lá], escolas, diversões. A administração pública funcionava, o transporte público era gratuito, a alimentação básica: arroz, feijão, óleo, sal, açúcar, pó de café, leite e pão eram gratuitos. Era chamada Bolsa Essencial e era distribuída gratuitamente pelo reino.

Cada família era cadastrada de acordo com o número de pessoas e recebia a quantidade necessária para o mês. O restante, alimentação não essencial, vestiário e demais itens não essenciais eram pagos, mas, todos tinham condições de comprar, uns mais outros menos, mas todos tinham o que queriam e viviam bem assim. A saúde pública era de primeiro mundo, gratuita, desde consulta, tratamento, hospitais, cirurgias... Seu diretor era o dr. Paciência.

O representante do povo junto à rainha era uma mulher muito querida, chamada Consciência.

Ja tudo bem nesse reino, com um pequeno senão: a rainha, apesar do seu nome, não era alegre! Ela recebia, às vezes, a visita de uma



amiga de infância, a Solidão, e, quando a amiga ia embora, a rainha ficava na janela do castelo, olhando tristemente para o horizonte. Ela não falava pra ninguém, mas sentia falta de alguém ao seu lado, um companheiro! Alguém que lhe fizesse companhia e que a fizesse sentir alegria! Um dia, era aniversário da rainha, fizeram uma grande festa. Veio gente de várias partes do reino e de reinos vizinhos também.

Um reino vizinho, chamado Discórdia, era reinado pelo rei Caos, primo distante de Alegria, cuja filha, Inveja, foi enviada por ele para a festa em Harmonia. Acompanhada de uma fiel escudeira, a Maldade, a princesinha tinha uma missão especial – orientada por Caos, que almejava anexar Harmonia ao seu reino, sua missão era provocar a dissidência em Harmonia, para então ele intervir e anexar esta ao seu reino... A comitiva da princesa, foi acompanhada por um grupo de asseclas do rei, disfarçados de seguranças da princesa, e levavam alguns vírus que iriam disseminar em Harmonia, tais como o vírus da Fome, Miséria, Intriga, Desarmonia, Destruição e outros.

Depois da festança, a princesa voltou sozinha, deixando os seguranças infiltrados, comandados pela Maldade... Em pouco tempo, a ação desses infiltrados se fez sentir, e Harmonia, que não tinha armas adequadas para se defender deles, se viu em meio a disputas por alimentos, terras, bens. Seus habitantes foram atacados pela Inveja, pela Maldade – e o pior: fragilizados como estavam, foram atacados por uma



peste extremamente contagiosa: a Depressão! A rainha, vendo seu reino sendo destruído, foi atacada pela febre Tristeza e ficou à beira da morte.

A alguns quilômetros dali, havia um reino chamado Felicidade, cujo rei também fora uma vez atacado pela Tristeza e tinha o antídoto para ela. Seu nome era Amor. Sabendo do que estava acontecendo no reino vizinho, Amor reuniu seu exército dividido em batalhões chefiados pelos generais, Bondade, Tolerância, Concórdia e partiu para Harmonia.

Sob o comando do Amor, os generais facilmente dominaram os dissidentes de Discórdia e o rei Amor distribuiu o antídoto contra a Depressão, Tristeza, Fome, Miséria, Intriga, enfim. Ele e Alegria não se conheciam, apesar de serem vizinhos, e ficaram encantados de se conhecerem. Se apaixonaram, casaram e uniram seus reinos. Assim com a união de Amor e Alegria, seus reinos se uniram passando a se chamar Harmonia e Felicidade! E o povo de Harmonia voltou a ser feliz. A amiga de Alegria, a Solidão pediu para morar na torre do castelo e viveu seus dias lá, sozinha!



O primeiro passo

Joaquim Bispo

– Não vês que estás a ir por maus caminhos, meu filho? – O anjo adotava uma postura paternal, a face preocupada, o gesto complacente.

– Eu nem sei se quero ir por bons caminhos! – retorqui, desafiador.

Quando ele se materializara no meu quarto de solteiro, com ares de arcanjo Gabriel, passava das três da manhã. Estranhei, mais do que me assustei. Tinha estado na comissão de autogestão da fábrica a tratar de problemas deixados pelo patrão fugido e, proposta puxa discussão, tinha bebido umas três ou quatro cervejas. O verão de 75 ia quente em todos os sentidos, a Revolução avançava com autogestões nas fábricas e nos campos e auto-organização das populações em todos os domínios. Havia um sentimento no ar de que, finalmente, tudo era possível. E tanto que havia para fazer! O mais difícil era a mudança das mentalidades. Todos tínhamos sido condicionados para ser engrenagens de uma sociedade de obedientes, castos e tementes. De repente, tinham-se rompido as comportas que mantiveram a multidão calada e quieta, e esta inalava, impertinente, os primeiros aromas da liberdade.

Agora, até de replicar a um anjo eu me sentia capaz:

– E, além do mais, o que é que tens com isso?



– Não penses que podes viver como queres: lascivo, descrente e subversivo. Tudo está determinado e o teu lugar está muito bem definido.

– Eu posso fazer o que quiser! Desde que não restrinja a liberdade de ninguém.

– E não achas que roubar a fábrica de alguém é atentar contra a sua liberdade?

– Não é roubar, é pôr ao serviço da comunidade – a começar pelos que lá gastaram o seu esforço, o seu tempo, as suas vidas –, o que alguém explorou e abandonou. Não é a sua fábrica, era a sua máquina privada de sacar mais-valias.

– Não vês que tudo isto é apenas um remoinho passageiro!?! Não vês qual é a ordem natural das coisas? Quando a poeira assentar, volta tudo ao que era. E então, tu estarás perdido.

– Não me vão prender por tentar ajudar a pôr a fábrica a funcionar outra vez, está descansado!

– Não é dessa perdição que eu estou a falar. – E continuou a pôr água na fervura revolucionária: – Quem me mandou não gosta de rebeldes. Gosta que a hierarquia esteja muito bem definida e que o de baixo não desobedeça ao de cima. Gosta que a moral e a religião sejam o guia das nações e que os seus dirigentes sejam austeros, mas bondosos,



como os pais são para os filhos. Agora, tu és um filho pródigo que não respeita o seu pai.

– Eu vejo é que o teu ar paternal, de há pouco, está a transformar-se na fúria contida de um mestre-escola autoritário. Por que é que quem te mandou não prefere a liberdade das pessoas e a livre adesão aos seus preceitos? Ou a livre rejeição!? Como é que se pode sentir satisfeito de mandar em autómatos, que se lhe sujeitam apenas pelo medo do castigo? Não repara como são alienadas as pessoas que se lhe submetem, que nem pensamentos de revolta podem ter?

– Ele vê é que, com a ordem que instaurou, todos eram felizes. Já viste alguém feliz nesta revolução?

– Sim, muitos, loucos de felicidade. Pela primeira vez são donos das suas vidas.

– Loucos, dizes bem! A revolução pôs pais contra filhos, filhos contra pais, marido contra mulher, mulher contra marido. Os partidos, de que até o nome é revelador, destroem a harmonia da sociedade.

– Os partidos são a expressão, crispada mas necessária, que faz circular na sociedade os vários conceitos da sua própria organização. Vocês não têm partidos? Os anjos dão-se bem com os querubins? E estes com os serafins? Ou também têm interesses de classe?

– Lá, donde eu venho, a harmonia não tem ameaças. Todos conhecem e aceitam o seu nível celeste.



– Não será bem assim! Tanto quanto eu sei, já houve revoltas.

Não foi lá que Lúcifer bateu o pé ao teu patrão?

– Sim, há esse episódio...

– E essa tal harmonia de que falas não corre o risco de um dia ser alterada pela tomada do poder por Lúcifer?

O anjo, de que não cheguei a saber o nome, riu-se com gosto. Perdeu por momentos o ar, umas vezes pedagógico e protetor, outras tenso e vagamente ameaçador, e riu-se demorada e maliciosamente:

– O Lúcifer foi um caso de sucesso. Foi das revoltas melhor recuperadas de que há memória. Achas que se ele fosse antissistema torturava os que lhe mandamos? Pelo contrário, procuraria tratá-los o melhor possível para ganhar aceitação popular. Não; o trabalho dele é um pouco desagradável, porque tem aquela falta cívica para pagar, mas está tão integrado e é tão necessário ao nosso sistema, como é o sistema prisional em qualquer sociedade humana. Aliás, quem me enviou está muito satisfeito com ele. O seu Inferno é a cúpula que completa o edifício teológico arquitetado.

Não era nada de que eu não tivesse já desconfiado, mas a confirmação, assim, de chofre, provocou-me uma náusea de repulsa por um designio tão totalitário. Em vez de me convencer da perfeição do sistema e de me submeter aos argumentos do anjo, fui invadido por uma onda irreprimível de rejeição. Afinal, a oposição não era entre umas



entidades sobrenaturais benfazejas, e outras malélicas, mas entre a liberdade de autodeterminação do Homem, e o obscurantismo submissivo das superstições e dos mitos, em conluio com as forças da exploração. Abri a janela e aspirei o ar fresco da noite.

– Tretas! Andamos há milénios rodeados de aldrabices, que só servem para a classe exploradora nos manter mansos. Não acredito em nada disso. Nem em demónios, nem em anjos. Não quero. E, mesmo que acreditasse, seria contra! – A minha voz soou com uma tal limpidez, como se eu não tivesse dito nada antes.

Ou fosse porque os últimos vapores de álcool abandonaram os meus pulmões, ou porque os mitos só são reais nas cabeças de lhes dão guarida, o certo é que, quando me voltei, não vi anjo algum. Acho que nessa noite dei o meu passo revolucionário mais consequente.



Oniros

Luan Claro de Lima Mendonça

Caminhando por uma estrada de folhas caídas, enquanto todos dormiam, estava eu a contemplar entorpecido a maravilha de uma insólita noite estrelada. Fora de mim se encontrava meu eu, envolto em mistério e fantasia. Tamanha era minha euforia que meu âmago pairava silencioso feito bruma suave misturada ao doce perfume da pequena flor branca que se revela na escuridão.

Noite clara, brisa sussurrante.

Admirado, cortejei a Vênus em tecidos de veludo azul-noturno, cravejados com pequenos diamantes que brilhavam como ouro e prata, tão reluzentes quanto o sol em um comprido véu branco e leitoso. Enquanto seguia a estrada, as trevas me confortavam com a solidão que eu buscava em meu inconsciente.

Mergulhei em profundos mares de abstrações e me misturando entre os devaneios de um pobre e louco lobo solitário que sou, flutuei disperso até o ventre madrepérola da lua e por lá permaneci oculto de caçadores.

Entre as nuvens navego extasiado com minhas próprias inspirações, deslumbrado com a visão dos filhos da noite, que de suas bocas transbordavam os desatinos dos imortais.



Enquanto eu gozava de minha falta de sanidade, escuto galopes e de súbito despenco de minha maior epifania e assim como Ícaro que perdeu suas asas, eu caio por terra e desperto de meu sonho lúcido com lapsos das lembranças de momentos felizes e de sensações nostálgicas.

Perdido em meio a terríveis sentimentos de frustrações e lamentos eu me encontrava, até que me dei conta que por mais que eu caminhasse, estava eu ali atravessando a mesma estrada de folhas caídas.



Esmeralda, a bruxa bondosa

Lúcia Helena Gomes

Tudo aconteceu quando meus pais viajaram e eu fiquei sozinha em casa no final de semana. Eu não me importo de ficar só. Para falar a verdade eu gosto. Já tenho 14 anos e sei tomar conta de mim mesma. Entretanto minha mãe pediu à Maria, uma funcionária da empresa, que passasse aqui em casa para ver se eu precisava de algo. Eu não conhecia a Maria, mas minha mãe me explicou que ela era uma excelente pessoa, que tinha os cabelos grisalhos e sabia cozinhar maravilhosamente.

O que eu não esperava era que no dia seguinte, após meus pais viajarem, eu acordaria doente. A febre me consumia, minha cabeça parecia que ia explodir, meu corpo todo doía. Ao me sentar na cama tive uma vontade enorme de vomitar e corri para o banheiro. Vomitei até as tripas. Suava frio... Acho que desmaiei porque não me lembro como voltei para o meu quarto. Só sei que ao retomar a consciência me encontrei deitada na minha cama. Uma senhora de cabelos grisalhos e olhos meigos, sentada ao meu lado, acariciava minha mão esquerda.

– Oi, Maria! – falei com voz fraca. – Como você entrou na casa? Fechei a porta. Já sei: minha mãe te deu a chave.

A mulher deu um sorriso e falou:



– Aninha, cuidarei de você. Não se preocupe. Vou preparar um remédio para baixar sua febre e fazer você se sentir melhor.

A senhora levantou e pegou um cajado encostado na parede. Ela bateu o pau no piso e disse:

– Chifre de unicórnio, chama de dragão, fogueira e caldeirão.

E apareceu uma fogueira no canto do quarto. Sobre ela um caldeirão com água fervendo. Ela foi retirando das mangas compridas de sua roupa exótica um punhado de troços estranhos e jogando dentro da enorme panela, pronunciando frases bizarras:

– Dente de leão, força no coração. Erva da vida, febre varrida. Língua de enguia, energia que guia. Rim de elefante, dor viajante. Perna de rã, vesícula sã. Tripa de girafa, desânimo na garrafa. Água da fonte, alívio da frente. Veneno de escorpião, maldade em vão. Luz divina, cura menina. Pulmão de baleia, poder de sereia. Folha de manjeriço, doença no chão. Sangue de vampiro...

Quando ouvi sangue de vampiro para mim foi demais:

– Eu não vou tomar esta coisa nojenta! Que remédio é este? É pra acabar de me matar? Quem é a senhora? Eu só posso estar sonhando! Que sonho mais doido! Eu quero acordar!...

– Calma, Aninha! – falou a mulher com voz suave, sem tirar os olhos do caldeirão. – Eu sei o que estou fazendo...



– A senhora é uma bruxa malvada, só pode ser isto! Mas bruxas não existem! Meu Deus, que pesadelo horrível!

A mulher voltou a dizer palavras sem nexo e a jogar coisas esquisitas na água quente. Depois que ela terminou o ritual sentou-se novamente ao meu lado com uma caneca na mão contendo o preparado e me perguntou:

– Você sabia que sua mãe desejou muito que você nascesse? Que ela rezou durante anos, todas as noites, para ter uma filha?

– Eu sei, minha mãe me falou que ela teve muita dificuldade para ficar grávida.

– É teve. Um dia ela abriu o baú cheio de roupinhas de bebê e ficou acariciando os tecidos macios. Lágrimas escorriam em seus olhos. Eu não aguentava mais ver o sofrimento dela, por isto resolvi agir. Sem ela saber coloquei na geladeira uma jarra com uma poção mágica com gosto de suco de laranja. Ela tomou e passados alguns dias descobriu a gravidez.

– Eu vi ao mundo graças a senhora?

– Sim e pode me chamar de Esmeralda. É este o meu nome.

– Esmeralda?! Seu nome não é Maria?!

– Não. A Maria é uma conhecida de seus pais. Ela virá no final do dia, quando você já estiver melhor. Agora beba este remédio para ficar boa ou...



– Ou o quê? Ou a senhora vai me matar?

Esmeralda coçou a cabeça e comentou seriamente:

– Se eu estou aqui me revelando para você é porque sua doença é muito grave. E se você não tomar esta poção rápido, talvez nem eu consiga te ajudar. Anda, beba logo!

Peguei a caneca. O líquido verde borbulhava.

– Vai queimar minha boca – falei.

– Não, não vai!

Comecei a tremer. As dores pioraram. Achei que tudo aquilo não era real, que eu estava tendo alucinação.

– Beba depressa, menina teimosa! – disse Esmeralda. – Não percebe a morte chegando?!

Eu não tinha saída. Passava tão mal que obedeci. Já no primeiro gole senti algo fantástico. Minha cabeça parou de doer e minhas forças começaram a voltar. À medida que o líquido invadia meu corpo, podia senti-lo entrando em minhas veias e restabelecendo a minha saúde. O sabor era tão original, excepcional, diferente... Nem sei explicar direito. Só posso dizer que o preparado era delicioso, nunca tomei uma bebida tão saborosa!

– Beba tudinho – pediu Esmeralda. – Tomar a quantidade certa é muito importante.



A bebida era tão extraordinária que esqueci dos componentes dela. Assim que a caneca ficou vazia, perguntei:

– Será que a senhora pode me dar mais um pouco. Tá tão gostoso!

– Não. Se esta receita não for seguida à risca pode não causar o efeito esperado ou acelerar a morte da pessoa.

– Nossa! – Entreguei a caneca depressa para a senhora.

Esmeralda colocou a vasilha no criado mudo e olhou para mim com carinho.

– Agora durma um pouco – disse ela. – Porém antes preciso te avisar que quando você acordar não irá mais me encontrar aqui.

– Não, Esmeralda! Não vá embora!

– Eu tenho que ir. Você está completamente curada. Somente é conveniente que durma algumas horas.

Minhas pálpebras pesavam muito, o sono era grande. Contudo a curiosidade me mantinha de olhos abertos.

– Esmeralda, a senhora é uma bruxa de verdade?

– Sim, eu sou, Aninha. Tenho 322 anos. Nasci em Portugal. Meus pais eram camponeses muito pobres. Eles foram queimados vivos em uma fogueira. Sobrevivi porque a sua sexta avó e seu sexto avô me salvaram. Após a morte da sua sexta avó, seu sexto avô me trouxe para



o Brasil. Por isto estou sempre por perto, atenta, protegendo e cuidando de você e de sua mãe.

– Então você não é uma bruxa. É minha fada madrinha. Meu anjo protetor...

– Não, Aninha, eu sou uma bruxa. Há bruxas más e bruxas boas. Eu sou uma bruxa bondosa, entendeu? Nasci bruxa e vou morrer bruxa. Ninguém pode saber a minha identidade, ninguém pode descobrir onde moro. Neste mundo tem muita gente ruim que me faria sofrer ou talvez me usaria como “rato de laboratório” ou me mataria por pensar que sou uma entidade do mal. Você é a única pessoa que sabe da minha existência. Não permito que me vejam. Auxílio as pessoas sem elas notarem a minha presença. Acredite, as bruxas existem e vão sempre existir. Assim como as fadas, os elfos, os duendes, os vampiros... O bem e o mal estão em toda parte. Há o mundo visível e o mundo invisível. Daqui pra frente te visitarei todos os anos, no dia 31 de outubro. Deixa a janela do seu quarto aberta.

– Quero saber mais uma coisinha – disse Aninha.

– Fala, menina perguntadora!

– Toda bruxa tem uma vassoura. Onde está a sua?

– Aqui – Esmeralda mostrou o cajado.

– Isto não é uma vassoura!

A bruxa bateu o cajado no chão e fraseou:



– Pena de urubu, raiz de cenoura, transforma este cajado numa vassoura.

E o cajado virou uma vassoura.

– Inacreditável! – comentei entusiasmada.

Esmeralda ordenou:

– Brigitte, caminhe para perto da janela e me aguarde.

E a vassoura obedeceu.

– Então sua vassoura se chama Brigitte! – gargalhei.

– Não gostou do meu nome? – perguntou a vassoura.

– Você fala?! – respondi espantada. – Desculpe! Seu nome é bonito. É que eu não sabia que vassoura de bruxa tinha nome, muito menos que falava.

– No dia do meu nascimento minha madrinha bruxa me presenteou com esta vassoura – explicou Esmeralda. – E foi ela quem escolheu o nome da Brigitte, que significa “forte, poderosa”. Agora durma!

Esmeralda me deu um longo abraço e beijou minha testa. Depois pegou o lençol de algodão com estampa de flores coloridas, dobrado aos pés da cama, e me cobriu. Fechei os olhos. Dormi profundamente... Só acordei porque meu celular tocou. Ainda sonolenta, com os olhos entreabertos, atendi:

– Alô, quem é?



Ouvi a voz histérica da Clarinha:

– Oi maluca! Não foi à aula particular, né? Se sua mãe souber você tá lascada!

– Fala baixo, Clarinha! Quantas horas são?

– Duas horas da tarde. Não me diga que tava dormindo!

– Sim, é que...

Neste instante me calei. Lembrei da Esmeralda. Observei meu quarto e não vi nada fora do normal. Uma dúvida me incomodou: eu tinha sonhado ou existia mesmo a bruxa Esmeralda.

– Alô, Alô, responde, Aninha!

– Eu tô aqui, Clarinha. Eu tô bem. Vou desligar...

– Espera aí, Aninha, me responde um negócio.

– Fala logo!

– Quem é Esmeralda? É sua tia?

Meu coração disparou...

– Hein?! O que você me perguntou, Clarinha?!

– Aninha, lembra! Liguei para seu telefone fixo faz três horas e a Esmeralda me disse que você estava um pouco indisposta. Quem é Esmeralda?

– É uma amiga da minha mãe. Ela já foi embora. E eu já tô legal.

Agora tchau, Clarinha!



Desliguei o celular na cara da Clarinha. Andei pela casa e tudo permanecia como de costume. Eu estava com muita sede. Abri a geladeira e tomei três copos de água. Sentei-me no sofá da sala e tentei assimilar o que realmente havia ocorrido. Vinte minutos depois retornei ao meu quarto e encontrei sobre a escrivaninha um bilhete da Esmeralda que dizia: “Aninha, vá ao quintal. Deixei uma surpresa lá para você”.

Ao abrir a porta dos fundos, vi deitado debaixo do pé de pitanga um cachorrinho lindo. Eu corri na sua direção. Abracei-o, beijei-o e gritei:

– Finalmente ganhei meu animalzinho de estimação. Seu nome será...

Olhei para o cachorrinho e hesitei... O filhotinho de Cocker Spaniel negro sorriu e respondeu:

– Aninha, meu nome é Luck.



Visitantes noturnos

Lu Evans

A terapeuta está na cadeira em frente ao divã onde eu me sento. Há uma distância confortável entre nós. Ela tem o cuidado de não invadir meu espaço pessoal e, ao mesmo tempo, não está muito longe, o que poderia ser interpretado como desinteresse.

Ela tem olhos grandes, boca fina e o queixo pequeno e pontudo. Sua testa é mais alta do que qualquer mulher gostaria de ter, que lhe dá um ar pedante, mas inteligente. O corte Chanel é tão perfeito que às vezes penso ser uma peruca.

É quase tão alta quanto eu, e magra do tipo ossuda. Seria melhor se tivesse umas curvas mais gostosas, mas ela não quer distrações durante as sessões. Penso que se mantém magra para seus pacientes não prestarem atenção a ela. Seu terninho é reto, escuro e um pouco largo, escondendo qualquer forma feminina. As precauções de nada funcionam comigo. Eu a acho sensual e fantasio com ela.

– Como se sente? – Sua voz suave me tira do transe em que estava mergulhado enquanto observava seu pescoço longo e os contornos da sua clavícula.

– Cada vez melhor – afirmo.

– Algum sonho perturbador, insônia?



– Tenho dormido bem.

– Pressentimentos ruins? Taquicardia?

– Não.

– Visões, luzes, sombras, sensação de movimentos súbitos na visão periférica ou de estar sendo observado?

– Graças a Deus, pararam.

– Episódios de amnésia, passagem de tempo sem que consiga lembrar o que aconteceu?

Balanço a cabeça, negando.

– Sons, vozes?

– Nada – respiro aliviado.

– Queimaduras, cortes, hematomas sem que tenha tido qualquer acidente?

– Estou intacto.

– Algum desconforto físico?

Penso um pouco.

– Meu nariz estava doendo e sangrando. Fui ao médico e tirei um raio-X. Tem uma coisa aqui dentro. Vou retirar hoje à tarde.

Ela me observa por alguns segundos.

– Muita gente enfia coisinhas no nariz quando crianças, e os objetos estranhos ficam lá por muitos anos – Sem dar mais importância ao caso, passa à próxima pergunta. – Está tomando os medicamentos?



Confirmo.

– Ganhou um pouco de peso.

– Tenho me alimentado melhor – olhando para ela de cima a baixo, penso: *E você também não ficaria nada mal se fosse mais carnuda*; porém, não me atrevo a dizer nada.

Ela coloca o bloquinho de anotações e a caneta na mesinha ao lado da cadeira e planta as mãos nas coxas. Sempre faz aquilo para indicar o início de uma sessão de hipnose, e sempre tenho a impressão de que esse é o único momento do nosso encontro que a excita.

Com um sorriso, descalço os sapatos e me deito no divã. Descanso a cabeça no travesseiro e relaxo os braços ao longo do corpo.

Assim que a sessão é concluída, me sinto restaurado como se tivesse tido uma massagem. Agradeço à minha terapeuta e confirmo, já ansioso, nosso próximo encontro para a próxima semana.

Após sair do consultório, decido ir a pé ao centro médico onde o misterioso objeto preso dentro do meu nariz será removido. Durante o caminho, penso como minha vida tem sido muito melhor desde o início do tratamento, cerca de três meses atrás, quando finalmente tive a coragem de buscar ajuda profissional após viver anos de constante horror.

Meu primeiro episódio psicótico foi aos seis anos. Estava na cama, prestes a adormecer, quando pequenos círculos de luz



atravessaram a parede. Achei que eram fadas e as persegui pelo quarto, e aquela experiência se repetiu muitas outras noites. Com o passar dos meses, as bolinhas de luz foram aumentando de tamanho e falando comigo, até que, depois de alguns anos, se revelaram como seres que podiam se materializar diante de mim.

Durante a adolescência, compreendi que os seres podiam se transformam em qualquer pessoa e produzir ilusões. Muitas vezes, o que eu acreditava estar vendo não era a coisa real, e por mais atento que eu fosse, sempre acabava caindo nas armadilhas dos visitantes noturnos. Quanto mais eu crescia, mais invasivos eles se tornavam.

Depois de adulto, os encontros se tornaram constantes e cada vez mais íntimos. Quase todas as noites eles vinham e faziam coisas comigo. Pensei que enlouqueceria.

Mas agora, minha terapeuta está me ajudando a lidar com as crises através das sessões hipnóticas. A vida faz mais sentido para mim.

Estou de volta no divã. Dessa vez, minha expressão não é de bem-estar. Pelo contrário, estou roendo as unhas, o olhar fixo no envelope no meu colo.



Minha terapeuta me olha de modo especulativo, então solta a pergunta com a qual inicia cada sessão.

– Como se sente?

– Como um pedaço de merda no meio da avenida, sendo esmagado pelos pneus dos carros.

Ela, que acredito, percebeu minha inquietação desde o momento em que entrei, não se deixa abalar pela minha grosseria.

– Seus medicamentos?

– Parei tudo – faço um movimento brusco com a mão.

Ela abaixa a cabeça e anota aquilo sem qualquer alteração em seu semblante.

– Poderia parar de fazer anotações e me ouvir? – peço com um tom exasperado.

Ela coloca o bloquinho e a caneta de lado e ergue o rosto para mim.

– A coisa não estava lá – anuncio.

Sua expressão inquisitiva me deixa ainda mais enervado.

– A coisa no meu nariz. Depois da nossa última sessão, fui até o centro médico para retirar o objeto preso dentro do meu nariz. O médico conduziu o procedimento como planejado, mas não havia nada a ser removido. Ele até mesmo consultou o raio-X original e tirou outro.



Tiro do envelope duas imagens de raio-X e passo a ela, que as estuda lado a lado, me entrega de volta e move o corpo de uma forma ondulante no assento para encontrar uma posição mais confortável.

– O troço dentro do meu nariz não foi fantasia da minha cabeça. Tenho as provas – Balanço as fotos no ar para depois enfiá-las no envelope.

– Deve ter se deslocado durante o sono e caiu de dentro do seu nariz – A gentileza na sua voz chega a ter um tom malvado. Como pode alguém se manter tão serena diante do sofrimento de outro ser humano?

– Alguém colocou aquilo em mim – murmuro constrangido.

– Trabalho com muitos que se autoafligem. Pessoas que se cortam ou, como você, enfiam agulhas no corpo.

Uma risadinha apática escoia pela minha boca e morre no ar.

– Não me lembro de ter me machucado, mas me lembro de gente fazendo coisas comigo, coisas desse tipo!

Seus olhos largos se tornam apertados.

– Quem?

– Eles! – eu sussurro. Minhas mãos estão suando tanto que molham o envelope que seguro.

Ela umedece os lábios com a ponta da língua.

– Deite-se!



Enquanto eu tiro os sapatos e me posiciono na horizontal, deixo o envelope deslizar para o chão e pouso as mãos sobre a barriga, os dedos entrelaçam com tanta força que as juntas chegam a doer. Minhas pernas estão rigidamente cruzadas.

– Feche os olhos e respire fundo. Descruze as pernas. Relaxe os músculos.

O ritmo monótono das suas palavras me afeta de um modo único. Eu já disse que ela é sensual? Acho que sim. Penso que é sensual principalmente por causa da voz, que é precisa e controlada.

Início:

– Quando saí do consultório médico, tinha um pressentimento de que os tormentos emocionais e os abusos físicos iriam recomeçar.

Faço uma pausa para estudá-la e, para meu desânimo, ela continua com aquela expressão neutra.

– Naquela noite, me tranquei no banheiro, levando cobertor e travesseiro, e me deitei dentro da banheira, embora saiba que aquilo não os atrapalharia, pois eles podem atravessar paredes.

Pelos cantos dos olhos, observo a terapeuta por algum tempo e me dou conta de que a mulher pode ficar um tempão sem piscar.

– Encolhido dentro da banheira, fui acometido por um dos sintomas que anunciam a chegada dos visitantes noturnos: um zumbido persistente no ouvido. Sempre começa baixinho, quase imperceptível, e



vai crescendo pouco a pouco até eu jurar que meus tímpanos vão explodir, então diminui e volta a ser um ruído insignificante, mas dali a alguns minutos, o barulhinho se torna intenso de novo.

– E após isso? – a terapeuta me interrompe, por certo acha que estou me estendendo muito naquela parte do relato.

– Comecei a ter outro sintoma preocupante. Meu corpo passou a vibrar em resposta à energia que eles emitem.

– Então eles estavam lá?

– Ainda não.

A terapeuta repuxa uma pontinha da boca em um sorriso de quem não está acreditando, mas eu prefiro ignorar. Vou continuar falando na esperança de convencê-la da veracidade das minhas alegações. Essa é a primeira vez que narro com detalhes os meus encontros com os visitantes noturnos, e quero ser totalmente honesto.

A terapeuta limpa a garganta. Na certa tem outros pacientes para atender depois de mim.

– A vibração começa sempre de fora para dentro. Primeiro, minha pele, depois a camada subcutânea, e vai afundando até eu sentir todos os órgãos internos vibrando, até mesmo os ossos.

Serena, ela diz:

– Quero que você se submeta a outra bateria de testes...



Não deixo que complete a sentença e sacudo a cabeça. Eu já tinha passado por uma série de testes psicológicos e exames médicos no início do tratamento. Os testes não levaram a qualquer explicação que justificasse as misteriosas circunstâncias que estou vivendo.

– Precisamos investigar. Muito dificilmente esse é um fenômeno sobrenatural.

– O que é, então? – questiono com um tom desafiador.

– Há uma variedade de causas lógicas...

– Por exemplo?

– Muitas pessoas usam incidentes paranormais como uma forma de encobrir algo assustador que vivenciaram.

Exatamente o que eu esperava ouvir. Como sempre, a vítima é vista como mentirosa, iludida, dramática, paranoica, psicopata ou sofrendo de transtorno de estresse pós-traumático.

– Posso continuar ou vai me dar o diagnóstico antes mesmo de eu concluir minha história?

Ela acena com a cabeça, me dando sinal verde.

– O zumbido e a vibração deram lugar a uma sensação de náusea. Eu sempre fico doente quando eles se aproximam. E quando chegam, fico paralisado e mudo. Não há como fugir ou gritar por socorro. E foi o que aconteceu.



Ela se inclina para frente, só um pouquinho, mas seu movimento discreto revela a curiosidade gritante.

– Fiquei à mercê das suas vontades durante toda a noite, e eles fizeram coisas comigo... coisas que não consigo descrever – falo com a voz entrecortada e os olhos úmidos.

– Mas precisa descrever! – Sua voz está rouca. – Com detalhes.

– Não! – resisto, contorcendo o rosto em agonia.

Ela põe as mãos nas coxas, sinalizando que vamos iniciar mais uma regressão hipnótica, e eu não tenho forças para me negar.

Pouco depois, já desperto da hipnose e bem mais calmo, pergunto o que ela descobriu. A terapeuta responde que precisa analisar tudo e que conversaremos melhor na próxima sessão.

Apanho minha jaqueta que estava pendurada no cabide ao lado da porta e checo meu celular que estava no bolso da frente da jaqueta. Então me despeço e vou embora.

Numa praça próxima, me sento em um banco e apanho o celular. Eu tinha deixado a câmera ligada, pois queria ver o que aconteceria durante a sessão de hipnose. Geralmente, eu lembro muito pouco daqueles momentos.



Vou adiantando as imagens do nosso encontro até chegar ao ponto em que ela começa a me hipnotizar.

Me vejo largado no sofá, inconsciente e ao mesmo tempo responsivo.

Ela se aproxima e se ajoelha ao meu lado. O que está fazendo? Me acariciando! Abrindo minhas roupas!

Então se levanta e despe seu terninho. Retira a peruca. Por um segundo, olha na direção da porta e com isso a câmara registra sua real fisionomia.

Ela é um deles! E faz coisas comigo... Coisas que eu não consigo descrever.



Carnaval

Maria Aparecida Sanches Coquemala

Quase seis horas, mas vai ainda visitá-lo, o amigo pintor, recém-chegado de viagem. Passa pelo jardim, apanha raminhos de manjeriço cheiroso e há sempre alguma orquídea aberta a apreciar pelo caminho.

Chega ao ateliê, gosta de apreciar o *Orquidário*, tela de rara beleza, onde o amigo reproduziu a perfeita beleza das orquídeas do jardim, agora ao lado da outra, um fantástico *Carnaval*, que suas mãos talentosas criaram com máscaras coloridas. Um carnaval tantas vezes intensamente vivido, mas que se fora para sempre da vida dele.

Quer fotografar as duas telas, o amigo entre elas, tinha-as visto nos esboços, tomando lentamente forma e cores, se aprimorando, até chegarem à plenitude, com sua beleza contagiante, vencendo concursos, despertando admiração. E retornadas agora das viagens, das exposições, um rastro de beleza deixado pelos caminhos.

Consulta o relógio: seis horas. Tem pouco tempo, tantos os compromissos. Quer plena claridade, prepara o flash, dispara. Mas, com ele, máscaras escapam da tela, ganham corpo e vida, se atropelam, multiplicando-se às dezenas. Quer ser racional, buscar explicações sensatas, mas os foliões a envolvem, invadem o *Orquidário*, colhem as flores, esvaziam a tela, cruzam-se serpentinas, tudo é alegria. Mal pode



vislumbrar o amigo pintor nos braços foliões, rindo e dançando. Pensa no vinho que ele lhe serviu, nos brindes ao sucesso. Quem sabe ali a explicação, talvez um pequeno exagero. Ou a existência se redefinindo em enigmáticas paragens a que não temos acesso? Não importa. Entra no clima, tromba com arlequins e pierrôs, canta também marchinhas de tantos carnavais passados... Flutuam todos no espaço dilatado, a luz jorra de ignotas fontes...

Estranhamente, não se movem os ponteiros do relógio.

Mas o vento frio da madrugada entra pelas janelas. Murcham as orquídeas, foliões se reduzem a máscaras, as esgarçadas fantasias se diluem no ateliê. A alegria se vai. Voltam lentamente às telas, máscaras e flores.

Consulta o relógio: seis horas. O tempo não escorrera? E lá está o amigo pintor, o sorriso bondoso, nenhuma perplexidade. Não teria vivenciado tais momentos? Melhor se calar, quem sabe passageira alucinação. Ou feitiço daquelas telas encantadoras?

Despede-se. Sai à rua. Nada acontecera. Não há carnaval, apenas a rotina. E faz frio. Enfia as mãos nos bolsos do casaco. Confetes?



A Árvore da Vida

Meg Mendes

O mundo como os humanos conheciam estava em colapso; há semanas, as coisas estavam estranhas e ninguém sabia realmente o que estava acontecendo. Muitos atribuíam ao apocalipse bíblico, alguns até tentavam se proteger e se salvar do julgamento final, mas estavam tão enganados.

O mundo estava acabando, mas nada tinha a ver com hordas de demônios invadindo a Terra. Uma magia muito mais profunda e antiga era o que regia tudo e estava enfraquecendo.

A televisão estava alta na pequena sala de estar do apartamento de Eloísa, ela se deslocava com velocidade, tentando colocar a calça jeans e ao mesmo tempo engolir seu pão com margarina.

“Já ultrapassa a marca de 1.500 pessoas desaparecidas na cidade de São Paulo na última semana, as autoridades relatam que é um número alto para um curto espaço de tempo e que nunca houve um caso parecido.”

As notícias pareciam ser as mesmas, sempre mais e mais pessoas desapareciam. Ela parou por um instante e mirou a tela. Perguntava-se o que estava acontecendo e quando essa loucura iria parar.



Muitos países relatavam desaparecimentos em massa e a população estava alarmada.

Tratou de terminar de se arrumar, não queria se atrasar mais uma vez naquela mesma semana. Seu aluguel já estava atrasado e não poderia perder o emprego. Engoliu o pão, jogou café por cima para não entalar e foi pegando as coisas pelo apartamento: chaves, carteira, bolsa. Saiu sem ao menos conferir se havia desligado as luzes ou mesmo fechado o registro do gás.

Era mais um dia de condução cheia para atravessar a cidade e chegar à lanchonete em que trabalhava no centro. Ela não reclamava da vida, sabia que se quisesse conseguir algo precisaria se esforçar ao máximo. Essa era a selva de pedra em que vivia, se não se mexesse, ela tratava de te engolir.

Muitos clientes já eram antigos conhecidos, alguns executivos dos bancos próximos almoçavam ali. Porém uma mulher chamou a atenção de Eloísa. Nunca a tinha visto antes por ali, ela tinha um porte estrangeiro. Ficou um tanto insegura de atender tal mulher, e se ela não falasse português? O que faria?

Como não poderia deixar um cliente esperando, aproximou-se da figura distinta pelo lado de dentro do balcão e sorriu.

– Olá, posso anotar seu pedido? – Perguntou gentilmente.



– Eloísa, precisamos conversar. – A mulher misteriosa disse para ela e foi urgente e enfática em seu pedido.

– Como sabe meu nome? – Eloísa ficou confusa.

Ao observar melhor tal figura, Eloísa percebeu que ela possuía os cabelos muito claros, quase brancos, era jovem, até mais jovem que ela própria, e o mais estranho, seus olhos eram de um violeta profundo salpicado de pontinhos brancos muito parecidos com uma nebulosa.

– Eu sei tudo a seu respeito, minha querida. – A resposta foi tão ou mais enigmática que a mulher que sorriu para ela.

– Estou no horário do meu expediente e não posso conversar agora. – Eloísa deu de ombros como se se desculpasse.

A moça de cabelos claríssimos levantou a mão e fez um semicírculo no ar. Toda a lanchonete pareceu desacelerar até parar, o barulho cessou e um silêncio estranho para aquela hora do dia pairou. Eloísa olhou ao redor boquiaberta, um homem estava congelado com uma batata frita a meio caminho da boca e com o celular na outra mão, um menininho estava com o rosto retorcido bem no momento do início do choro.

Ela deu dois passos para trás se afastando. Seus olhos ganhando um tamanho de espanto nunca adquirido.

– Como fez isso? – Sua voz saiu num sussurro.



– Podemos conversar agora? – Como Eloísa não respondeu, ela continuou: – Eu me chamo Ishtar, preciso de sua ajuda.

– Ishtar? De onde você é?

– Eu não sou desta Terra, sou a Mãe dos deuses.

Eloísa pensou por um segundo que tudo aquilo não passava de um sonho, um bem maluco e que logo acordaria em seu pequeno apartamento e que estaria atrasada para o trabalho.

– Você não está sonhando, minha querida.

– Como você...?

– Eu sei de todas as coisas, tudo o que se passa na mente dos humanos. Sei de todos seus desejos e anseios. Eu sou a criadora dos Céus e da Terra.

– Está me dizendo que Deus é uma mulher?

– Sim, apesar de existirem outros deuses! Agora ouça com atenção. O destino de todos os planos de existência depende de você. O céu a terra e até o submundo necessitam que você e mais ninguém encontre a Árvore da Vida.

– Como é que é!? – A garçonete soltou um grito esganiçado.

– Você, querida Eloísa, é minha única descendente viva. Só você pode plantar a semente do último fruto da Árvore e manter os planos em equilíbrio.



– Espera, está dizendo que você é Deus? E que eu sou sua descendente? E que só eu posso salvar todo mundo?

– Foi exatamente o que eu disse.

– Acho que eu saberia se fosse parente sua, não?

– Claro que não. Minha linhagem na terra vem de muito tempo. Minha semente foi fundida com a de um humano na antiga Mesopotâmia. Gerei um meio deus, meio humano. Ele não sobreviveria comigo em meus domínios, então foi criado por seu progenitor.

“Ao longo das eras, meus descendentes foram se reproduzindo e eu sempre soube tudo sobre eles. Sua mãe era minha descendente e agora você.

A Árvore da Vida é o que sustenta a vida na terra, que mantém os céus e o que prende as almas no submundo. É por causa dela que todas as coisas funcionam, que os ciclos de vida e morte existem. Porém ela está morrendo.

Se deixar de existir, o equilíbrio entre os planos se perde e será o fim de tudo. E já começou. Muitos mortos escaparam do submundo, assim como os vivos que sumiram daqui, surgiram no submundo ou no céu.

Apenas plantando a semente do último fruto aos pés da Árvore é que ela poderá se restaurar e sobreviver. ”



Eloísa permaneceu calada por longos minutos, tudo aquilo era fantasioso demais para ela. Aquilo tinha que ser um sonho. Deu leves beliscões no braço e nada aconteceu, tudo ainda estava imóvel e Ishtar ainda olhava para ela com os olhos de galáxia.

– Por que você mesma não faz isso?

– Eu não posso tocar na Árvore da Vida, quando a criei e dei-lhe o sopro divino coloquei uma proteção nela para que nenhum outro deus pudesse tocá-la e isso incluí a mim. Os deuses por vezes são gananciosos e se entediam, algum deles poderia tentar destruir a árvore para me tomar o poder.

– E não pode ser outro humano qualquer? Por que logo eu?

– Apenas uma descendente de Ishtar, com sangue real, poderá colher o fruto da vida e plantar sua semente.

– Eu não posso.

– Receio que não tenha escolha, minha querida. Tudo que existe depende disso. Ou então tudo será apenas escuridão para sempre e nem eu ou qualquer outro deus será capaz de reverter isso. Tudo o que existe sumirá.

Eloísa ponderou um pouco, sentia a responsabilidade crescendo em seu ser. Podia parecer loucura, mas ela começava a sentir uma necessidade de cumprir esta missão. Seu sangue pulsava pedindo que fosse em frente, dizendo-lhe que ela estava destinada a isso.



– O que eu preciso fazer? – perguntou por fim.

Todas as orientações necessárias foram passadas para a única descendente viva de Ishtar. Os preparativos incluíram aulas de alpinismo, de sobrevivência e outras coisas que se mostraram muito úteis.

No alto de uma duna, no meio do deserto no Sul de Abidos, havia uma árvore solitária. Sem vegetação ao redor nem uma gota de água sequer.

Eloísa contemplava a frondosa árvore, seus galhos iam de encontro aos Céus como se clamassem por misericórdia. Era mais alta que um edifício moderno e seu tronco tão largo que era impossível aquela não ser uma árvore nascida do sopro divino de uma deusa. Uma luz dourada banhava a planta e parecia vinda do céu.

Por um tempo ela se perguntava se conseguiria escalar tal árvore, era impossível enxergar o topo, podia apenas vislumbrar galhos aqui e ali com folhas faltando.

O aspecto da madeira realmente mostrava um estágio avançado de apodrecimento e isso a preocupou um pouco. Retirou das costas a mochila que carregava, típica de alpinistas e de lá pegou cordas, ganchos



e tudo o mais necessário para a escalada. Tentou fincar o primeiro gancho no tronco, porém ele se esfacelou.

A subida parecia não ter fim e vez ou outra um gancho se desprendia da madeira. Por duas vezes ela imaginou que despencaria. Ao chegar ao topo percebeu que as nuvens encobriam parte dos ganchos, mas eles estavam nus e sem vida. Um brilho mais forte lhe chamou a atenção. Só podia ser o fruto que buscava.

Chegar até o brilho foi tão difícil quanto escalar até o topo. O sol há muito já tinha se posto e apenas a luz de uma lanterna, presa improvisadamente em seu ombro, iluminava o caminho.

Quando finalmente estava perto o suficiente do fruto da vida, sentiu em seu ser uma crescente alegria, sentia vontade de rir, de gritar, de cantar. Um contentamento sem fim e que ela não sabia a origem lhe fez agradecer por tudo que tinha em sua vida humilde e difícil.

Com uma reverência extrema, tocou a orbe dourada. Lembrava muito um pêsego, porém o cheiro era diferente de tudo que já tinha sentido. Mesmo maravilhada e querendo ficar apenas ali admirando tal beleza e inalando o aroma, colocou o fruto em sua mochila e iniciou a descida.



Sua mão, em carne viva, sangrava de forma abundante e ardia. A corda havia arranhado sua pele. Eloísa não estava acostumada à tal aventura, nunca na vida havia escalado o que quer que fosse e sua luta diária era apenas enfrentar o metrô lotado de São Paulo. Sentia-se exaurida e não sabia se conseguiria se manter em pé. Estava já em terra firme e tentava se recuperar das extenuantes horas que passou subindo e descendo da *Árvore*.

Seus joelhos dobravam de cansaço e seu corpo queria apenas se deitar. Precisava terminar sua missão. Não sabia ao certo quanto tempo havia se passado desde que deixara sua casa, seu emprego e fora tentar salvar a humanidade. Entretanto havia uma força que a impelia a continuar.

Ajoelhada aos pés da *Árvore da Vida*, retirou o fruto de sua mochila e com delicadeza, cortou a polpa em duas. A carne da fruta era macia e vermelha, tão vermelha quanto sangue. O cheiro inebriante tomou a moça e sua boca se encheu de água.

Com cuidado, retirou dali a única semente que o fruto possuía. Seu formato lembrava um coração. Com os dedos, escavou um buraco na areia bem rente ao tronco da árvore e ali depositou a semente que salvaria toda a humanidade. Uma luz subiu do local onde ela havia enterrado toda a esperança que tinha, serpenteou pelo tronco grosso da árvore e quase a cegou. A atingiu em cheio.



Então ela desfaleceu.

Acordou em seu pequeno apartamento com o despertador tocando enlouquecidamente. Tinha sido apenas um sonho. Olhou tudo ao redor e viu o mesmo lugar de sempre, os mesmos móveis, a mesma pintura, a mesma vida.

Levantou-se para mais um dia de trabalho.

Na lanchonete, viu quando uma mulher de cabelos loiros, quase brancos, se sentou no balcão e olhou para ela sorrindo.

– Não foi um sonho, querida!



O Mestre

Paulo Luís Ferreira

*“Moro em minha casa própria, nada imitei de ninguém
e ri de todo mestre que não riu de si também”.*

(Nietzsche)

Estava confirmado. Como sempre, o Mestre viria à nossa aldeia para nos dar sua grande mensagem. A notícia correu pela vizinhança. Daí à cidade foi como um raio. O regozijo tomou conta de todos, deixando-nos felizes e entusiasmados com a boa nova. Há muito que esperávamos por esta confirmação e agora era realidade. Os jornais deram as manchetes: “ENFIM O MESTRE CONFIRMA SUA VINDA”, dizia um; “EM BREVE O MESTRE ESTARÁ ENTRE NÓS”, dizia outro; “O GRANDE DIA ESTÁ PRÓXIMO”, mancheteu mais outro. Embaixo das letras garrafais todos reproduziram o telegrama que confirmavam a vinda do Mestre: “O MESTRE VIRÁ PT SAUDAÇÕES”.

As rádios criaram vários concursos para que fizessem uma frase bonita de boas-vindas ao Mestre. Foi muito difícil escolher uma que fosse a vencedora, visto que eram todas muito bonitas e inspiradoras. Entretanto uma, que eram duas, foram muito exaltadas pelos ouvintes,



pois lhes tocaram em demasiado o coração. As quais passaram a entoar pelas ruas: “O MESTRE SERÁ NOSSO GUIA! O MESTRE SERÁ NOSSO MESSIAS!”. E uma terceira bem maior, cuja mensagem serviu como mantra para as diversas comitivas que iam adentrando a cidade, que dizia: “ADOREMOS NOSSO MESTRE! Ele é mil e uma noites! Vamos todos lamber seu OVO! Entoemos esta canção: *Foi meu Mestre quem te viciou, foi teu Mestre quem me ludibriou, foi o Mestre quem nos ensinou...*”.

Cartazes foram espalhados pelos tapumes, postes, muros, avisando sobre a vinda do Mestre. O espalhafato e a expectativa deixaram a cidade em polvorosa. Os municípios vizinhos logo ficaram sabendo e confirmaram suas presenças, que viriam em grandes caravanas. O prefeito imediatamente providenciou uma área, a maior possível, já prevendo uma peregrinação gigantesca em direção a nossa cidade. O que foi muito acertado, pois que, o governador, sendo sabedor da visita do Mestre à nossa província convocou o povo de todo o estado para que fossem agraciados com as esperançosas palavras do Mestre.

O prefeito, informado de tal resolução pediu ajuda ao governo federal. Assim feito, o presidente concedeu à ajuda necessária e deferiu comunicado a todos os concidadãos para comungarem, como irmãos, o grande encontro com o Mestre, pois Ele assim merece todo nosso carinho, haja vista ser nosso guru, nosso grande Messias. E ordenou que



os prisioneiros fossem libertos, os manicômios abertos, e que os médicos dessem altas aos enfermos. Prevendo o tamanho da multidão propôs que às TVs transmitissem para o país e o mundo, ao vivo, porque a cobrança estava sendo geral.

Todas as nações exigiam que fôssemos complacentes. E nos alertavam para que não usássemos de bazófia e presunção exacerbada em um momento tão sublime como este. Porque o Mestre não era propriedade de um único lugarejo, mas de toda as nações, que apenas fomos os escolhidos, cujo privilégio, não se sabe o porquê. E que, como diz o provérbio universal, “Nós não tentássemos em vão acender uma lâmpada para ver o sol”, porque só o Mestre saberá nos dizer a verdade. Dado que, para se chegar ao Mestre, de qualquer ponto que se parta o caminho é o mesmo. Diziam os circunvizinhos com uma ponta de cobiça, para não dizer inveja.

Os meios de comunicação, ouvindo todas estas lamúrias e nhem-nhem-nhens, decidiram que a cobertura seria irrestrita: desde a chegada do Mestre nas fronteiras de nossa aldeia, fosse por terra, mar ou ar. Inclusive para o público local, pois em todas as confluências da cidade a imagem do Mestre seria vista sem nenhum prejuízo, uma vez que iriam usar o sistema holográfico.

Também ficou acertado que haveria um mestre de cerimônias para organizar as apresentações das personalidades desejosas de dar sua



palavra em prol do Mestre. Os quais, já estavam confirmados: padres da Igreja Apostólica Romana, pastores evangélicos, kardecistas, monges budistas, pajés e vários Mestres de seitas e candomblés. E que os ciganos, céticos e ateus, também tivessem um aparte reservados. Intelectuais e filósofos discursariam sobre a dialética e os preceitos civilizados, a ética, a moral humana e a morte da geometria. Conceitos idiossincráticos foram suspensos.

Os sacerdotes combinaram que se expressariam todos em uma só homilia, e irmanados em uma só voz. E algumas freiras e noviças diriam provérbios em línguas mortas e vivas. Entidades de classes também diriam alguma coisa representando um ou dois sindicatos e mais uns senhores e senhoras de diversas comunidades e associações de bairros citariam pequenos conceitos antigos. Grupos de jovens também foram inscritos, mas não se sabia ainda o que iriam dizer. (Talvez cantem um rap). E outros tantos aproveitadores de ocasiões como estas não iriam perder o ensejo, assim, como os embaixadores, consulesas, ministros charlatões, etc. Todos teriam direito a se expressarem.

Os países presentes, através de seus embaixadores e, ou, embaixatrizes diriam mensagens de conforto a seu povo. Por fim, os políticos. Começando pela ordem inversa falariam: o presidente, o governador, um senador, um deputado, um vereador e fechando com o



prefeito da nossa cidade, afinal, foi a nós que os desígnios nos confiaram tão grata missão, receber o GRÃO-MESTRE.

Tudo isso seria intercalado por grandes shows musicais e corais religiosos. Viria também uma turma de jogadores de futebol e artistas em geral.

Enquanto isso nas praças e ruas, artistas populares, entre tantos: cantores, trovadores, repentistas cantando versos, tocando sanfona, batendo pandeiro, cantando forró. E a Orquestra Sinfônica, para fechar o evento, antes do pronunciamento do Grande Mestre.

Numa simbiose de céu e inferno e a miscigenação do povo, formavam um grande circo pelas ruas. Grande era o lufa-lufa de gente, o vai e vem e o mistifório de religiões e profissões. Eram evangélicos gritando mensagens bíblicas, salvando almas, espiritistas reencarnando espíritos; ciganos adivinhando futuros, vendendo sorte; engraxates lustrando sapatos, propagandistas vendendo remédio, bilheteiros lotéricos cantando números; trupes de malabares faziam suas apresentações com seus acrobatas, uns engolindo fogo, outros comendo vidro; contorcionistas, palhaços, equilibristas. Todos se equilibrando numa corda bamba: na arte, no trabalho, na vida.

A farrabamba estava posta. Tudo pronto, ensaiado e devidamente organizado. O grande dia chegou. Havia já cinco dias que o povo tomara conta dos espaços da cidade. E outros milhares ainda se



dirigiam em grandes cortejos. Embora caminhassem ordeiramente era assustador o volume de pessoas que convergiam rumo ao local.

Caravanas em romarias seguiam passo a passo cantando emocionados hinos de louvores, ladainhas, musiquetas com refrãos apropriados, feitos especialmente para o MESTRE, como: “Ele lá, nós cá, é Ele lá, lá, lá... Clamemos nosso MESTRE! Viva Ele... Lá, lá, lá...” Não obstante, alguns engraçadinhos soltavam piadinhas malfazejas como: “Vamos rápido! Os urubus estão chegando... Deus morreu! Deus está morto! Cuidado com o tatu! Olhe o tatu!... Pisaram no rabo do tatu! Viva o rabo do tatu... E vão todos à puta que o pariu... Uuuu... cacá... Uuuu... lalá... Que vá para os quintos dos infernos e nunca mais venha cá” – E cantavam: “Havia uma barata na careca do vovô, assim que ela me viu bateu asas e voou...” – Eram os rebeldezinhos sem causa.

Expectativa e apreensão estampavam o rosto das pessoas. O Mestre estava chegando. Faltavam poucas horas, minutos, segundos. Quando de repente uma parte da massa em uníssono começou a entoar um coro ensurdecedor, retumbando palavras de ordem como: “O MESTRE é nacional!”, “O MESTRE é internacional!”, “O MESTRE é universal!”, “O MESTRE é amor!...”, “O MESTRE é como nós, é trabalhador”. Era a turba dos desvalidos. Nesse instante ouviu-se uma voz solitária vinda do meio da multidão: “O MESTRE está nu!”. Do palco, os músicos aproveitando a situação, responderam entoando em



conjunto... “Are uh, are uh... vem meu guru, vem meu guru... are uh, are uh... vem meu guru... *ó no má, ó no má... are uh, are uh*...*”.

– Abrenúncio!... Credo; Deus me livre; *vade retro!***... – persignou-se uma beata que estava próxima ao palco.

Foi nesse entretempo que um dos sacerdotes se adiantou até o proscênio e pigarreou...

– Hum... hum... – todos quedaram-se em silêncio para ouvi-lo.
– Tenho um comunicado a fazer... Antes de tudo aprendam a sentir e a ouvir. Aprendam a habituar sua mente à calma, à paciência dos carneiros, pois só o Grande MESTRE amenizará nossas angústias!... Este é o primeiro ensino preliminar para o espírito...

– E as mazelas?... E nossos medos?... – perguntou a multidão exaltada.

– Acalmem-se! Vocês estão vendo, está aí o progresso crescente a olhos vistos, como podemos constatar em nossa vida diária. Nossos sonhos estão sendo realizados através das benesses dos empréstimos bancários em suaves prestações, o consumo de automóveis, geladeiras, fogões, TVs de plasmas, brinquedos plásticos, os fornos de micro-ondas, máquinas de lavar e toda essa tralha doméstica; corantes e xampus para os cabelos, celulares, medicamentos mais que necessários. Belas lingerie para as mulheres e uniformes para os homens e, claro, que Ele



lhes dirá “1, 2, feijão com arroz; 3, 4, feijão no prato”. Vamos, cantem!...

Louvemos o MESTRE!

Dito isto, fechou os olhos e, numa pose insigne, dissimulando enfado, com um gesto largo e imponente falou em latim próprio de missa:

– *Sursum corda... Corpus Christi, ego sum qui sum. Ab initio, ab initio. Ab imo pictore, ab imo Pectore!****

– *Ab initio, ab initio...* – respondeu o povaréu a seus pés.

– *Ab imo pectore, ab imo corde!...***** – responderam os músicos no palco.

Nesse instante, o sacerdote, num gesto seco, com o dedo em riste, apontou para o horizonte e gritou:

– Ele chegou!... Vem dos céus... O todo poderoso... O GRÃO-MESTRE chegou!...

Os holofotes de laser, instantaneamente dirigiram seus focos para trás, em linha reta para as montanhas, lá no zênite, no recôncavo da abóboda celeste, iluminando os céus.

Por sua vez, as projeções holográficas estamparam desenhos psicodélicos emoldurando a imagem de um grande cavalo branco galopando a trotes largos. E sobre ele um menino nu e de boné. Ao se aproximar, lentamente apeou-se e caminhou suave, e como uma pena leve flutuou no espaço dirigindo-se em direção ao tablado, abrindo um



largo caminho entre a multidão, que estupefata, assistia perplexa imagem tão bela.

Seu corpo alvo como alfenim, resplandecia tal qual luz neon. Seria aquele o Príncipe Venturoso? Ou Dom Sebastião, o Esperançoso que veio para nos salvar? Não, não era. Era o mensageiro do MESTRE. E assim, sem cerimônia, subiu no palanque e, à boca do proscênio, com uma voz macia e ondulada, ao contrário da voz do MESTRE, que era uma voz ranhosa e bruxelenta, anunciou:

– Como sempre, Godot não virá... Voltem para suas casas. Godot nada tem a dizer. Aguardem novo comunicado. – A turba, numa só voz, exclamou:

– Óhooooooooo...

Ninguém percebeu, mas na aba de seu boné estava escrito: “A DEUS À CARNE! OLHE O QUE VOCÊ VÊ QUANDO VOCÊ ENXERGA! GODOT ESTÁ NAS NUVENS E NA FORMIGA QUE PASSA”.

(*) Estrofe da música Govinda, de Walter Franco (adaptado).

(**) Sai, satanás!

(***) Levantai os vossos corações... Corpus Christi, eu sou quem eu sou. Desde o início, desde a origem.

(***) Do fundo do peito! Do fundo do coração.



O herdeiro e o solista

Rodrigo Mendes

11 de agosto de 1876. Floresta de Winchester, sul da Inglaterra.

Ciro corre desesperadamente pela floresta de Winchester. Está com muito medo e terror. Sabe que precisa despistar seus algozes que estão em seu encalço. Sabe que precisa comunicar Helena do que está por vir. Avisá-la sobre os planos malévolos que tramam contra os dois. Os cães caçadores, junto de seus perseguidores estão um tempo considerável a persegui-lo. Ouve o latido e brandir dos cães cada vez mais próximos. Seus algozes podem alcançá-lo a qualquer momento. Ciro sabe disso e teme por sua vida e de Helena. Precisa levar Helena para o norte antes que tudo possa ser perdido.

4 de dezembro de 2020, Curitiba.

O táxi que pegara Simeão no aeroporto estaciona em frente ao majestoso hotel O Jazir. Simeão paga a corrida e sai do veículo, e fica em pé por um tempo contemplando a fachada do magnífico hotel. Sente – se bem e agradecido ao seu contratante que está custeando tudo. Simeão vai em direção a recepção passando pelo hall e sorri satisfeito. Sempre flertou com o glamour e o luxo.



Vilarejo Winchester, 1876. Alguns meses antes de 11 de agosto.

Ciro era filho de comerciantes, assim como Helena. Giro morava no vilarejo vizinho de Helena. Conheceu Helena numa de suas idas ao vilarejo onde ela morava, a fim de realizar serviços de espionagem, que era comum entre os comerciantes concorrentes. Numa dessas idas conheceu Helena. Ficou apaixonado de início pela bela moça e ela também veio por Giro se apaixonar. As famílias de Helena e de Giro eram comerciantes rivais de longa data. Obviamente, sabiam disso, mas mesmo sabendo, começaram a se encontrar escondidos. A paixão que crescia entre eles não queria saber dos obstáculos. Queria apenas ser vivida entre o casal apaixonado.

4 de dezembro 2020. Pela manhã em Curitiba.

Percorrendo o hall de entrada do hotel, Simeão seguiu para o balcão da recepção e realizou os procedimentos necessários e seguiu rumo ao elevador. No chaveiro sempre o mesmo número. 78. Esse era o mesmo número de quarto a qual esteve hospedado durante o ano todo nos hotéis da rede. Simeão havia sido contratado por um magnata do setor automobilístico. Foi num concerto a qual o bilionário estava presente. Ele disse que ficou impressionado com a performance de Simeão e maravilhado com a sonoridade do violino a qual tocava. Na biografia do músico que constava impresso no programa, indicava o



modelo do violino sendo ele do final IXX. O bilionário, dizia ter doze sinfonias escritas por uma das pessoas da família e que gostaria de as ver sendo executadas por ele e seu violino e que pagaria muito bem se ele aceitasse solar as sinfonias por diversos países, com o intuito de divulgá-las ao mundo. Simeão aceitou prontamente. O violino fora oferecido como empréstimo por um simpatizante da música e colecionador, alguns meses antes. Foi sorte em dobro. Pensou na ocasião. Bom, e ali estava ele no Brasil, na cidade de Curitiba para realizar o último concerto a qual fora contratado. Obviamente, também era a apresentação da última sinfonia.

1876, vilarejo de Winchester.

Quem sabia do namoro dos dois eram apenas o melhor amigo de Ciro e a melhor amiga de Helena. Já fazia quatro meses que o casal de namorados estava se encontrando. Pelo amor, estavam dispostos a tudo. Para surpresa do casal, Helena engravidou. Obviamente, ficaram muito felizes. Ao mesmo tempo, preocupados, pois não conseguiriam esconder a gravidez por muito tempo. Eles tinham certeza que seus pais de ambas as famílias não aprovariam a união. Tiveram a ideia de fugirem para o norte. A única pessoa que sabia da fuga planejada pelo casal era a melhor amiga de Helena, que era apaixonada pelo melhor amigo de Ciro, que não a amava. Amarga pela rejeição, traiu os amigos revelando



aos seus pais a gravidez e a fuga. Movida pelo ego, decidiu que, se ela não podia ser feliz com seu amado, o casal, Ciro e Helena, também não seria.

4 de dezembro 2020. Ainda pela manhã em Curitiba.

Já no quarto, Simeão se deita na cama. Está cansado, exausto. A viagem foi cansativa. Simeão morava em Paris. Deitado sobre a cama olhava para o teto, esperando a companhia tocar. Desde sua primeira hospedagem no hotel O Jazir, que foi em Barcelona, algo misterioso acontecia, logo após sua entrada ao quarto. Após algum tempo sempre a companhia tocava, e sempre, quando abria a porta, no chão um envelope e ninguém por perto. O conteúdo do envelope eram sempre fragmentos do que parecia ser um poema. A cada envelope que recebia podia ler com mais clareza o que era a mensagem que o poema queria passar. Foi na segunda vez que recebera outro envelope na porta do quarto onde estava hospedado, na ocasião, na Itália, tomou a iniciativa de descobrir quem entregava os envelopes. Ficou muito curioso com tudo aquilo. Pediu para o gerente do hotel para ver as câmeras. Explicando o ocorrido. Não negaram o pedido. Retrocederam as filmagens das câmeras nos instantes que Simeão se lembrava de ter ouvido a companhia ser tocada. Para a surpresa de todos, uma mulher apareceu nas imagens. Era uma mulher jovem, aparentando menos de trinta anos.



Estava usando um vestido branco com manchas amarelas, como se o tecido tivesse adquirido aquelas manchas com ação do tempo, como acontece com as folhas de um livro. Estava descalça. Depois de ter depositado a carta em frente a porta do quarto a qual Simeão estava hospedado, olhou em direção a câmera e manteve o olhar fixo na câmera por um tempo. Ali puderam ver um semblante triste. Com uma feição de dor. Era angustiante olhar para aquele rosto sofrido. Os olhos no fundo com grandes olheiras e vermelhos como se ela tivesse passado muito tempo chorando. Foi procurado por aquela mulher no hotel e perguntado a todos os funcionários se a tinham visto. Até para os hóspedes do mesmo andar indagaram sobre a mulher misteriosa. A resposta foi unânime. Ninguém a tinha visto.

Winchester, 1876

Ciro conseguira escapar naquela noite na floresta. Foi por pouco. Conseguiu chegar ao precipício que dava para o grande rio. Como era conhecido por todos os moradores da região. Pulou do alto do penhasco, caindo sobre as águas gélidas do grande rio. Escapando de seus algozes. Logo que chegou às margens do rio esperou por um breve tempo e foi rumo a casa de um de seus amigos e pediu que fosse útil como mensageiro e levasse um recado para Helena no vilarejo. Dizia o



bilhete que Ciro estaria esperando Helena no alto da colina e dali eles partiriam rumo ao norte. Pois ali não era mais segura para eles.

4 de dezembro 2020. Ainda pela manhã em Curitiba.

A companhia tocou. Simeão se levantou num salto e foi correndo em direção a porta. Como sempre não havia ninguém, apenas o envelope. Rasgou o envelope com pressa pois queria logo saber o conteúdo. Ali estava o último trecho do poema. Simeão transcreveu todos os trechos num único papel e leu pausadamente o poema que dizia:

Minha ânsia em tê-la novamente
Me consome e destroça a alma.
Condenado, entristecido sigo
A penar de solidão, no fundo deste calabouço.
Onde você está neste momento, minha flor?
Onde quer que esteja sinta meu amor,
Que mesmo sôfrego, segue por ti anelando.
Coloquei na cauda do vento, que aqui sopra bem pouco,
Todo o amor que ele pôde carregar,
Espero que chegue até você esse sopro de vida.
O restante ficou comigo, para quando voltarmos a estar juntos,
Eu pessoalmente possa te entregar.



Winchester 15 de agosto de 1876

Helena foi avisada para encontrar com Ciro nas colinas. Soube também que iriam os separar para sempre. Levariam Helena para longe onde Ciro jamais saberia seu paradeiro. E queriam prender Ciro. Condenando – o á prisão perpétua para nunca mais virem a se encontrar novamente. Helena chocada com o que poderia acontecer com eles, imediatamente arrumou os preparativos para rumar ao encontro de seu amado. Para o azar do pobre casal, o mensageiro foi pego quando voltava para casa e forçado a contar tudo ou iria ser preso também. Assim a fuga para o norte juntos, foi frustrada.

4 de dezembro 2020. Ainda pela manhã em Curitiba.

Simeão termina o poema e sente um ar frio percorrer o quarto. Sente uma tristeza avassaladora tomar conta dele. Sente a angústia do homem que está preso em algum lugar e segue com esperanças de reencontrar sua amada algum dia. Coloca Bach no aparelho de som e vai tomar uma ducha. Os concertos de Brandenburgo ecoam pelo quarto.

16 de agosto de 1876, vilarejo Winchester

Não deu tempo nem de Helena sair de casa. Pegaram Helena e a levaram para outro país ao sul. Quatros dias a cavalo de distância. Ciro foi pego e preso nas colinas onde esperava por sua amada. Prendê-lo no



poço da torre de um pequeno castelo da família de Helena. Condenado à prisão perpétua. A família de Ciro tentou impedir, uma batalha entre as duas famílias fora travada e muitos foram os mortos de ambas as famílias até que acharam melhor chegarem num acordo. Então, reunidos pensaram na seguinte solução: o casal, enquanto tivessem essa vida viveriam apartados. Procuraram o mago das montanhas para uma magia realizar. O mago pensou o seguinte tentando ser justo para todos. Se fabricaria um violino. Assim que Helena falecesse, sua alma ficaria presa na alma do violino. Pediu para que fizessem Ciro escrever alguma coisa, como um poema, e esse escrito deveria ser dividido em dozes partes diferentes e, após entregue à Helena e ela ter lido, Ciro morreria e sua alma passaria a estar presa ao papel junto do poema. O poema dividido em doze partes seria espalhado por doze países. A divisão significava os doze meses que fora o tempo que durou a guerra entre as duas famílias por culpa do romance de Ciro e Helena. As famílias sofreram muito. A culpa, eles acreditavam ser do casal, que mesmo sabendo dos problemas que viriam, foram desobedientes e a desobediência de ambos culminou na morte e sacrifícios de muitos. Sendo assim era justo o sacrifício ao casal. O mago sugeriu algo, para serem inteiramente justos. Após a morte de Ciro, Helena deveria escrever doze sinfonias baseadas no poema de Ciro. Representando cada mês de sofrimento que todos passaram. Sinfonias escritas com solo para o violino a qual a alma de



Helena ficaria presa. Após a morte de Helena alguém da família deveria doar a alguém desconhecido com o propósito de nunca voltar a família, pois estava amaldiçoado. As sinfonias deveriam ficar com a família de Ciro, que também estavam amaldiçoadas. O encanto só seria quebrado o dia em que as doze sinfonias fossem executadas pelo violino que fora mandado fabricar. Uma vez a magia sendo quebrada, as almas do casal presas seriam libertas e voltariam à vida terrena. Assim teriam a chance de viver o romance que muito deu trabalho e problema as famílias causou. Todos foram de acordo com o mago das montanhas.

5 de dezembro, de 2020, teatro principal de Curitiba.

Já no teatro, Simeão entrou no palco em direção à frente da orquestra ouvindo os aplausos que viam da plateia. Pôs-se em seu lugar. Logo o maestro deu início a sinfonia. Simeão, assim como nas outras ocasiões de interpretar as sinfonias em primeira audição, sentia uma leveza, ganhando mais vigor e força na alma.

Terminado a execução, a plateia foi ao delírio. Muito aplaudido foi como solista. A plateia, entusiasmada, aplaudia de pé. Simeão se curvou em direção a plateia em agradecimento e saiu para o camarote. Ali algumas pessoas de grande importância social o aguardavam para autografar o programa. Autografou vários ficando por último um casal. Ficou pasmo quando a mulher acompanhada de um homem de aparência



radiante, sorrindo lhe estendeu o programa para autografar. Para ele, a mulher à sua frente era idêntica à mulher vista na câmera do hotel que deixava os envelopes. Ali ela estava com o semblante renovado e feliz. Para autografar, Simeão perguntou qual nome ele autografaria. Disseram juntos como se tivessem combinado minutos antes: *Ciro e Helena*.



Apocalipse

Rozz Messias

Tiago corria, os pés tocando rapidamente no chão, as árvores secas passando por ele e sumindo. Não era possível saber se era noite ou dia porque desde a grande explosão, tudo era cinza.

Tiago também não sabia que dia era, se estavam na primavera ou verão, ele achava que nunca mais teriam um dia de verão e o sol jamais brilharia de novo no céu...

O clima era pesado, uma névoa densa envolvia tudo, o céu tinha um tom laranja e às vezes havia relâmpagos e trovões, mas nunca mais choveu. Tiago queria muito encontrar água e tomar banho de novo.

Chegando próximo da cabana, o garoto parou, olhando de um lado para o outro, receoso. Depois entrou no velho celeiro na ponta dos pés. Ali, só vazio, há tempos nenhum humano morava no local, mas Tiago tinha esperança de encontrar algum alimento ou remédio por ali. Ele se abaixou e foi tateando no escuro, colocando alguns itens dentro da bolsa que trazia atravessada no corpo magro.

De repente, ouviu um barulho, algumas coisas caindo e assim que levantou os olhos, se deparou com um ser celestial magnífico, as longas asas negras abertas, o cabelo longo caindo pelos ombros, os movimentos ágeis, a lança empunhada nas grandes mãos.



O demônio não pareceu perceber a presença de Tiago no galpão, sua atenção estava totalmente voltada para o anjo que lutava com ele, e por pouco não acertava a espada em seu braço. O anjo era igualmente belo, uma luz tênue saía dele, deixando o lugar iluminado.

– Saia daqui, garoto! Logo, outros chegarão!

A voz grave advertiu Tiago, e ele não soube se quem falava era o anjo ou o demônio, porque no instante seguinte o galpão virou um campo de batalha, anjos e demônios aparecendo do nada e lutando pelas almas que seriam colhidas naquele dia.

Tiago sabia que não havia para onde correr, pois assim que a luta terminasse, o grupo vencedor ficaria com todos os humanos da região. Não havia como fugir daquilo, era a rotina depois da grande explosão. Os seres celestiais apareciam de tempos em tempos e quem ainda não havia morrido por falta de água ou comida, morria pelas mãos das criaturas sobrenaturais, anjos ou demônios. Suas almas eram levadas e passavam a fazer parte do exército do bem ou do mal.

O garoto correu mesmo assim, os pés saindo do chão, um depois do outro, o mais rápido que podia. Chegando ao esconderijo, achou melhor não contar para mãe sobre a batalha, dali era possível ouvir espadas e lanças se enfrentando, gritos de ataque ou lamentos de dor, quando um deles partia. Ele não queria deixar a mãe ainda mais assustada.



Tiago pôs tudo em cima da velha mesa, a mãe sorriu ao cheirar uma embalagem com um pó branco e perceber que era leite. Ela pegou uma caneca com água não tão pura e misturou o pó, provando um golinho e entregando para o irmão menor de Tiago que deu gritinhos de felicidade e bebeu tudo de uma só vez. A mãe separou da bolsa uma fruta murcha e entregou para Tiago, que comeu rapidamente, sem parar para respirar. Depois ela mesma engoliu alguns biscoitos moles e se sentou no chão, puxando os filhos para si.

Não muito longe dali, a batalha seguia, sangrenta. O tempo se arrastou, sem poder ser marcado, pois nenhum componente eletrônico funcionou desde a explosão, nada de telefones ou computadores.

Eles cochilaram um pouco e de repente os demônios estavam ali, para tomar posse do despojo de guerra, eles eram os ganhadores daquela batalha. O anjo negro tinha alguns sinais da luta recente, o que o deixava ainda mais ameaçador. Tiago, porém, não se intimidou, deu um passo à frente, indo de encontro à criatura.

- Gostaria de fazer um acordo.
- Acordo entre mim e você? – O demônio olhou para Tiago com desdém. – O que você poderia ter para negociar comigo?
- Posso trazer outros humanos para as próximas regiões de batalha, podemos lutar juntos, vencer os anjos.



– Trapacear, fazer o que será permitido apenas na Batalha Final... – A criatura sorria de forma sombria. – Não é de todo uma ideia ruim, temos perdido muitas batalhas. Mas eu precisaria dar poderes a vocês, ou não teriam a menor chance contra os anjos. Tiago apenas balançou a cabeça concordando.

– Diga logo o que quer, moleque. Preciso encontrar meu líder e conseguir autorização.

– Quero a proteção de minha mãe e irmão.

– Impossível, eles não servem para lutar, serão eliminados.

– Você parece um anjo falando, correto, sempre dentro das regras.

– Cale a boca, moleque insolente! Não me compare a um daqueles anjos irritantes! Eu os deixarei livres e vivos, mas somente enquanto você me for útil!

– Ótimo! Creio que não será difícil para você deixar alimentos, bebida e remédio a eles. Eu iniciarei o alistamento das pessoas para as próximas batalhas. Diga-me o que tenho para negociar.

– Você pode prometer qualquer coisa. Se vamos cumprir a promessa, é outra história! – a criatura demoníaca riu, um riso assombroso, que encheu todo o lugar.

Pouco tempo depois Tiago foi até a mãe e o irmão, beijando os dois silenciosamente. Lágrimas escorreram de seus olhos, enquanto uma



grande caixa de alimentos era depositada ali, por uma criatura negra. Tiago os moveu para um colchão e os cobriu carinhosamente. A mãe chorava.

Depois o garoto aceitou a lança que o ser negro estendia para ele e fez um grande círculo com ela, tornando o local protegido. Então, sorriu tristemente e abriu suas negras asas, seu corpo franzino tornando-se forte e belo. Ele alçou voo, seguindo até seu líder, a fim de saber o roteiro das próximas lutas. Agora ele era um ceifador de almas. Condenado para sempre à escuridão eterna.

Um dia após o outro ele contou histórias, fez promessas, aumentou o exército dos demônios. As pessoas passaram a se entregar voluntariamente, Tiago não precisava mais ir atrás delas, era procurado pelos humanos, a princípio com nobres interesses, salvar algum familiar da morte, proteger sua região, trazer paz a um local. Os humanos davam cabo de suas próprias vidas para fazer parte do exército dos demônios.

Depois os interesses próprios falaram mais forte e essas promessas não surtiram mais efeito. Os homens passaram a buscar riquezas ou o governo de uma das áreas. Alguns pediam por vingança, buscavam o mal daqueles que os rejeitaram ou queriam o lugar daqueles que ocupavam uma boa posição.

Tiago ainda se surpreendia com os pedidos. No início ele negociava com o líder, entregava o prometido. Depois passou a ordenar



aos novos demônios que tirassem os prêmios de um humano para dar a outro, afinal depois que os humanos entravam no exército dos demônios, não tinham mais contato com seus familiares ou conhecidos e jamais saberiam que foram enganados.

Os sentimentos dos humanos mudavam, eles passavam a desejar apenas vencer a batalha do Apocalipse. Não havia outro objetivo. Tiago às vezes voltava para o mundo terreno, sempre quando a mãe e o irmão dormiam, abraçados. Esse era o único momento em que ele sorria, embora grande parte da alma dele não sentisse mais nada.

Tiago era um guerreiro cada vez melhor, por diversas vezes foi abordado por anjos, durante o alistamento dos humanos. Seres que o alertavam sobre o perigo de quebrar as regras. Ele era implacável, apenas os atingia com sua lança, fazendo com que eles desaparecessem no ar. Não conversava, não argumentava, era frio e só tinha um objetivo, ter o maior número possível de humanos transformando-se em demônios.

Algumas batalhas foram vencidas, outras perdidas, até a chegada do grande dia, o Apocalipse. Tiago não possuía mais sentimentos bons, apenas um ódio incontrolável por todos os anjos presentes. Os exércitos se enfileiraram, em lados opostos, uma quantidade incontável de seres sobrenaturais prontos a morrerem por uma causa única, eliminar o exército rival.



Fenômenos estranhos se iniciaram, estrelas caíam do céu, o sol já não existia mais desde a grande explosão. Alguns planetas haviam se movido e seguiam pendurados no céu, indo um de encontro ao outro. A lua tornou-se cor de sangue e não havia mais vento. Os mares se agitaram e depois viraram cristal, invadindo a terra e matando muitos humanos. Figuras estranhas surgiram na terra, espécies diferentes de animais. Cavalos galopavam, cornetas eram tocadas, profecias se cumpriam. As nuvens tornaram-se escuras e tudo se fez noite, no céu um grande arco íris cor de esmeralda. Houve um grande terremoto e chuvas de pedra. Montes e ilhas desapareceram e a batalha épica finalmente começou.



As 4 portas

Sergio Dias de Oliveira

Calvin caminhava ao lado de sua irmã Susan pelo bosque. Estavam em férias com os pais nas montanhas, e resolveram conhecer a região. Era outono, as árvores estavam com suas folhas avermelhadas. Era uma bela paisagem. Encontraram um rio ao final da trilha, com uma ponte em forma de arco. Seguiram até a ponte, que ao longe parecia pequenina, porém quando perto chegaram, era imensa e toda coberta de névoas. Do outro lado havia uma casa com chaminés. Susan ficou apavorada e ao mesmo tempo curiosa. Calvin então disse:

– Susan, será que devemos ir até o outro lado?

– Se você acha seguro, podemos tentar Calvin. Respondeu a menina.

Caminharam pela ponte, e ao chegaram na metade, pararam pra olhar na borda direita. Quando olharam, viram um rio escuro com águas escuras e turbulentas. Atravessaram para a borda a esquerda, e quando olharam novamente, o rio estava sereno e com suas águas tranquilas. De um lado da ponte, o rio era sombrio e com águas turvas, e do outro lado, era caudaloso e com leite suave.

Seguiram em direção a casa, que ao longe parecia pequena, mas perto era enorme e iluminada. Havia uma cerca de roseiras, e um belo



portão de bronze. Olharam por entre as grades do portão. Um menino com olhos azuis e cabelos dourados, todo de branco apareceu e os indagou:

– Bom dia meus caros, em que posso ajudá-los?

Susan ficou encantada com o menino. E respondeu:

– Sou Susan, e este é meu irmão, Calvin. Não somos daqui, estamos apenas de passagem. E quem é você? – perguntou a menina.

– Meu nome é John. Muito prazer, Susan. Por favor, entrem tomar uma xícara de chá e descansar um pouco.

Susan olhou para Calvin que consentiu com a cabeça. Agradeceram pela cortesia, e acompanharam John por um túnel de flores todo colorido. O menino então disse:

– Venham. Vou lhes apresentar o Senhor Hopkins. Ele é muito atarefado, porém agora, está em seu período de refeição e repouso.

Ao final do túnel, chegaram a uma imensa porta de madeira, com detalhes em ouro. A porta abriu-se lentamente, e John, gentilmente estendeu as mãos para que entrassem. Ao colocarem os pés dentro da casa e olharam ao redor, ficaram abismados com o que viram.

A casa havia aumentado de tamanho mais uma vez. Estavam em um palácio. Havia lindos lustres e sofás do oriente. Esculturas e quadros decoravam o ambiente. Uma sinfonia tocava num velho gramofone.



Tapetes persas forravam o chão de madeira nobre. A suntuosidade era impressionante. As paredes eram feitas de livros.

Atravessaram a imensa sala, e chegaram numa porta de miçangas que conduzia a um jardim com plantas ornamentais e pássaros soltos. Logo se depararam com uma cadeira de balanço, ao lado de uma pequena fonte de águas cristalinas. Então, surgiu de trás da cadeira, um leão de juba negra. Susan só não gritou porque Calvin tapou sua boca com as mãos. O belo animal deitou-se, ao lado da cadeira. A cadeira virou-se. Era o Senhor Hopkins. Com sua barba secular, que tocava o chão, e com seu velho chapéu de bruxo. Ele tinha a altura de 1 metro e 50. Usava botas pretas altas, e um cinto com uma fivela quadrada. Então o Sr. Hopkins os chamou. Com receio do leão pantera, Susan e Calvin, caminharam até o ancião. Então disse o Senhor Hopkins:

– Olá, Susan. Como vai, Calvin?

O menino, intrigado, respondeu perguntando:

– Como sabe nossos nomes? De onde nos conhece? – questionou Calvin.

O velho Hopkins fez uma carícia no felino, e respondeu:

– Eu conheço a todos Calvin. Já vivo a milênios. Venham, vou mostrar algo a vocês.

Então o Senhor Hopkins levantou-se, e voltaram pra dentro da casa. Ele os conduziu a outra sala, imensa e muito alta. A sala tinha



formato de círculo com 4 portas nas paredes. Uma era branca, e saía luz por baixo dela. A outra porta era negra, e dessa saía fumaça por baixo. A terceira era vermelha escarlata, e parecia ter textura de sangue seco.

No centro, havia o símbolo de uma serpente. A quarta porta, era de ouro refinado, e brilhava. Tinha pedras preciosas incrustadas, e ao centro, havia uma coroa como símbolo. As últimas duas eram maiores que as duas primeiras. Então, abriu-se uma das portas. A porta negra.

Susan e Calvin e viram uma enorme e fantástica engrenagem, um mecanismo capaz de fundir o conceito humano. Uma complexa engenhoca, que era movida, por seres de luz que ao longe brilhavam, mas suas faces traziam expressões de sarcasmo e de sofrimento. Os enormes seres funestos, moviam a engrenagem sem descanso. Isso deixou Calvin incomodado:

– Porque algo tão engenhoso, que dá tanto trabalho? Parece funcionar sem nenhum objetivo. Qual a razão disso tudo, Doutor? Questionou intrigado o menino.

O velho Hopkins lhe explicou:

– Meu caro Calvin, essa engrenagem toda, é responsável pela maldade em toda a Terra. É a engrenagem do mal que está sendo movida. Esses espectros são os encarregados de fazê-la funcionar. Por isso possuem essas expressões medonhas e medonhas. Eles produzem o combustível do mal na Terra. Toda a essência do mal. Toda



concupiscência, orgulho, violência, avareza e falsidade. Daquela engrenagem, vertia em trevas, a essência do mal.

Em meio aos seres horrendos, tudo era muito sujo e o cheiro da fumaça que emanava da engrenagem, era fétido, insuportável. Os seres começaram a se incomodar com os observadores, e vieram em direção à porta aberta. Para alívio de Susan e Calvin, a porta negra se fechou.

Como num piscar de olhos, a porta branca abriu-se. Seu interior era reluzente. Outra poderosa engrenagem funcionava a todo vapor. Outros seres de luz a moviam. Estes possuíam expressões serenas em suas faces. Tudo era muito limpo e organizado.

Emanava um olor de rosas da grande engrenagem, um perfume suave e agradável. Susan então questionou o Senhor Hopkins:

– Que doce perfume. Quem são estes, que nos olham com tanta ternura? O que estão produzindo, afinal?

Respondeu então, o velho:

– Minha cara e doce Susan, aqui é produzido o elixir do bem. A essência do amor e da bondade. Aqui se produz caridade e compaixão.

Esses seres de luz, mantém com muito esforço o que restou do amor na Terra. Sem eles, o mal dominaria o planeta por completo. Enquanto Susan e Calvin observavam, encantados, a engrenagem brilhante, a porta branca fechou-se. Então John, chamou a todos para um chá com torradas:



– Venham. Tomemos um chá fresco de lotus, com água pura da fonte e torradas de pão de centeio e doce de *blackberries*.

John os conduziu até outra sala. A casa parecia um labirinto, e os ambientes mudavam de maneira sobrenatural. Havia centenas de cômodos, mas de fora parecia uma cabana. Sentaram-se em poltronas aveludadas. E John, os serviu.

Enquanto se deliciavam com as torradas, Calvin, novamente questionou:

– Senhor Hopkins, o que significam aquelas portas? E quem é o Senhor afinal? O que há além da porta dourada e da porta escarlate? O que há por trás delas, Senhor Hopkins?

O velho Hopkins soltou a torrada que estava em sua mão direita, e a xícara de chá, que estava em sua mão esquerda, e os colocou sobre a mesa. Então o ancião respondeu:

– Meu caro Calvin, aquelas portas significam dois caminhos possíveis na vida. O bem e o mal. São como o rio. De um lado da ponte, sereno e límpido, e do outro, turbulento e turvo. Água limpa e água suja. Essas são as portas que podem escolher. São os destinos de cada um, e através da opção escolhida, que serão conduzidas as portas maiores.

Virou-se pra Susan e disse:

– Minha querida Susan, ainda não podem adentrar a porta dourada ou a porta escarlate. A matéria não pode adentrar por aquelas



portas. Somente ao nos desfazermos de nossos corpos físicos, poderemos entrar. Agora vamos lá fora, para que saibam quem eu sou.

– Somente mortos entraremos?! – disse Susan, arregalando os olhos.

O velho Hopkins, sem respondê-la, levantou-se e caminhou até o lado de fora da casa. Calvin e Susan o acompanharam.

Hopkins ergueu o braço direito indicando que parassem, e caminhou até uma área aberta no vasto quintal e parou. Então, virou-se pra eles. Seus olhos brilhavam como a luz. Seu corpo, tomado pela luz, mudou de forma e cresceu em estatura, transformando-se em um imenso anjo com grandes asas. Não tinha expressão alguma em sua face, pois não tinha face, mas sim luz, que lhe cobria toda a cabeça. Então falou com voz de trovão:

– Eu sou o vigia. Sou o guarda das portas que conduzem ao bem e ao mal. E nada pode ser alterado no ciclo natural da vida. Podem escolher à vontade em qual porta entrar. Porém, a opção em vida, determinará o destino pós-morte. Escolham com cuidado. Escolham bem. São 4, e uma conduz a outra.

Era tarde da noite quando chegaram à cabana. O carro parou, e Frank pediu a Anne, que acordasse os meninos que dormiam no banco de trás. Susan e Calvin despertaram assustados, e sua mãe disse:



– Chegamos. Precisamos tirar as malas e os mantimentos do carro.

Após levarem as coisas todas para dentro da cabana, comeram sanduíches e foram descansar.

Pela manhã, acordaram bem cedo. O dia estava lindo. Calvin tomou uma xícara de café e saiu porta afora. Susan gritou para que a esperasse. Correu até o irmão e seguiram apressados em direção ao bosque. Ao final da trilha, havia um rio e uma ponte em forma de arco. Correram até a ponte. Havia apenas um rio sereno. Não havia uma casa com chaminés do outro lado. Atravessaram a pequena ponte, e não havia nenhum vestígio ou sinal da casa. Ambos pensaram que ter apenas sonhado, enquanto dormiam durante a viagem. Tiveram o mesmo sonho. E um não sabia que o outro também havia sonhado.

Então, surgiu por entre as árvores uma grande pantera negra. O felino parou próximo a eles e os observou. Após breve tempo, o belo animal voltou para dentro da mata.

Susan e Calvin olharam um para o outro, e em uníssono disseram:

– Senhor Hopkins!



A caçada à quimera

Tauã Lima Verdán Rangel

Muito além do mar do ocidente, onde o sol repousa depois da trilha ardorosa que percorre, está localizada Phantasos. Diz-se que as terras do reino de Phantasos são mágicas e protegidas por forças além de qualquer imaginação. Distante quatro dias de caminhada do deserto de Hipnos, poucos aventureiros conseguiram sobreviver e chegar até o reino mítico. Contam alguns beduínos que moram à margem extrema do deserto que, após o sol se pôr, criaturas estranhas emergem das areias e investem contra aqueles que teimam em atravessá-lo. Muitas são as armadilhas existentes para que os mortais comuns consigam alcançar terras tão misteriosas. É certo que ninguém retornou de lá.

Pasítea descendia diretamente da linhagem dos elfos azuis. Com uma estatura elevada, Pasítea tinha os olhos cor de ametista e o singular dom de ler mentes e decifrar sonhos. Isso, porém, não era o que tonava Pasítea única. Ela tinha um grande par de asas, semelhantes aos de borboleta, cujos desenhos lembravam os olhos do tempo, capaz de ver o passado, o presente e o futuro, bem como identificar os possíveis perigos que atentavam contra Phantasos. Apesar disso, raramente os dons mágicos de Pasítea se manifestavam, pois, o reino era localizado em uma região de grande segurança e de difícil alcance.



Juntamente com Pasíteia, reinava, em Phantasos, seu irmão gêmeo, Morpheus. Ao contrário da irmã, os machos da espécie de elfos azuis não possuíam asas, mas tinham uma complexão física augusta, forte. Tal como a irmã, o rei tinha grande dom sobre a arte da magia e era capaz de mudar de forma, assumindo a feição de figuras diversas, tais como anões, fadas e, até mesmo, animais mágicos. Morpheus reinava imponente em Phantasos, com capacidade especial de julgar com justiça as causas de seus súditos e buscando estabelecer a paz e a harmonia entre os habitantes.

O castelo dos irmãos era conhecido como Lança de Prata, em razão da sua cor e das altas torres que se erguiam. Quando o sol incidia sobre o castelo, no solstício de verão e de inverno, um feixe de luz violeta que enchia todo o vale, quando era possível fazer a leitura das runas do tempo e, com isso, estabelecer as predições em favor de seus súditos. Assim, quando o verão se aproximou, os irmãos convocaram toda a população de Phantasos para presenciarem a leitura das runas do tempo. Tal como acontecia em todo solstício, uma luz violeta inundou o vale e as ruas puderam revelar os segredos do futuro aos súditos.

Oniros, um jovem elfo azul, um pouco receoso, pois era a primeira leitura que assistiria, se aproximou do totem onde estavam as runas. Pasíteia, com seu olhar acolhedor, mirou para o jovem e, entrando em transe, desferiu: “Dançam as estrelas pelo céu sem fim. Dançam, na



luz da noite, a estrela carmim. Dança lua prateada. Dança o sol dourado. Há, sobre ti, jovem, um desígnio de tristeza e sofrimento sem fim. Prepara-te, pois, em poucas luas será testado e sua bravura e honra colocadas à prova. Há traição. Há lágrimas. Há perdição em sua andança terrena”.

Voltando a si, Pasíteia viu o espanto no rosto do jovem e no rosto de seu irmão. Enfim, a leitura das runas revelara um desígnio de sofrimento. Morpheus, após ouvir atento a predição da irmã, mandou que chamassem novamente o jovem. Oniros, temendo por algo pior, antes mesmo que o rei abrisse a boca, se lançou aos seus pés, pedindo clemência, pois não era o causado de tal desígnio... era apenas um pobre jovem sobre o qual a negra sorte recaiu sem pena.

Morpheus, vendo o temor e o desespero que invadiam a face do jovem elfo azul, curvou-se complacentemente sobre ele e, segurando em seus braços, colocou-o de pé novamente. “Oniros, meu jovem, não tenha medo. As predições das runas do tempo podem ser mudadas, mas exigem um sacrifício grande. Exigem provas de coragem, provas de honra”, exclamou o sábio rei.

Pasíteia, com o olhar altivo, encarou o jovem e disse: “Oniros, há uma forma de mover a predição que recai sobre ti. Vá até a Floresta de Árvores Errantes e, estando lá, você deverá achar uma quimera. Achar quimera é muito difícil, pois são animais especiais e que fogem de seus



perseguidores. Deverá demonstrar honra para que o animal seja capaz de aproximar de ti. Após encontrar a quimera, você deverá responder ao seu enigma. Acertando o enigma proposto, ela te dará uma flor de ouro e de branco marfim, que será capaz de desfazer qualquer predição negativa. Não sendo capaz de traduzir o enigma, a quimera matará você!”.

A rainha, ainda, prosseguindo em sua fala, explicou: “O destino é sempre muito caprichoso, não permitindo que tenhamos escolhas fáceis. Estamos, a todo momento, flertando com a vida e com a morte! Lamento por sua sina! Por fim, o último conselho, a tarefa deve ser executada solitariamente. A contar de hoje, corre contra ti o tempo, tendo você apenas o ciclo de uma lua para conseguir encontrar a quimera e desvendar o enigma”.

Mal conseguindo dormir durante aquela noite, inúmeros pesadelos povoaram os sonhos de Oniros. Pela manhã, quando o sol se erguia no oriente, após arrumar tudo aquilo que acreditava ser necessário, Oniros partiu em direção à Floresta de Árvores Errantes. Seria uma caminhada árdua de dois dias pelo Pântano de Almas Condenadas e pelo Estreito de Saphyra. Cruzando a ravina, depois de caminhar por cerca de seis horas, exausto de toda a andança, Oniros resolveu descansar próximo a um pequeno ribeirão. Banhando-se e repousando sua cabeça sobre uma mantilha que estava em sua bolsa,



finalmente o jovem conseguiu dormir um pouco. O cansaço de tudo aquilo estava extenuando o jovem.

O jovem, então, no dia seguinte, continuou a avançar por todo aquele dia. O sol quente tornava o fardo ainda mais pesado. Cada passo dado era um verdadeiro martírio. Horas a fio caminhando, Oniros conseguiu alcançar o Estreito de Saphyra, uma região inóspita e árida que marcava a proximidade da Floresta de Árvores Errantes. Oniros, então, resolveu escalar uma região escarpada e descansar durante a noite em uma região mais segura, sobretudo para evitar possíveis investidas de salteadores e de bandidos daquela região. Pelo menos por aquela noite, o jovem elfo azul conseguiu descansar um pouco. Apesar do vento frio que soprava, foi uma noite mais tranquila e com menos surpresas.

Faltava pouco para Oniros conseguir o seu intento. O jovem, então, após planejar o que faria, caminhou em direção à Floresta de Árvores Errantes. No horizonte, era possível ver a formação da grande floresta. E, à medida que avançava pelo caminho, Oniros via que as árvores iam se agigantando, com suas formas curvadas pelo tempo. A casca grossa de cada tronco revelava como era antiga aquela floresta. Existia, na verdade, uma lenda que contava que a Floresta de Árvores Errantes foi nutrida com uma água repleta de magia que conferiu semivida a cada uma delas e as fez crescer assombrosamente. Oniros, abismado com o que os seus olhos viam, compreendeu que, de fato, a



lenda seria verídica, pois árvores daquela envergadura não eram comuns na região.

Chegando à entrada da floresta, Oniros respirou profundamente e, com passos contados, foi entrando. A Floresta de Árvores Errantes parecia um labirinto e o jovem começou por sua peregrinação. Estranhamente, lá dentro, era muito mais frio do que a região exterior e soprava uma brisa suave que, de tempos em tempos, movia os galhos das árvores. Em razão da densidade da floresta, seus olhos não conseguiam ver muito distante; a visão ficava comprometida e Oniros conseguia, com muito esforço, enxergar cerca de cinquenta a cem metros diante. O jovem elfo vagou pela floresta durante todo aquele dia até a noite cair. O tempo corria depressa dentro da floresta e vagar pela noite em nada ajudaria; ao contrário, poderia levá-lo a se perder. A busca do jovem durou quatro longos dias. Na última noite, enquanto descansava próximo a uma caverna, olhou para o céu e viu que o ciclo da lua cheia se aproximava e seu coração se atemorizou, pois, precisava encontrar logo a quimera.

No quinto dia da sua busca no interior da floresta, o jovem, já fatigado de tanto caminhar e nada encontrar, curvou-se sobre um pequeno regato que cortava pelo interior da floresta. Com as mãos em concha, matou um pouco de sua sede e molhou o rosto. De relance, ouviu um barulho que saía dos arbustos próximos. Passando a mão perto da



mochila que carregava, pegou um pequeno punhal afiado. Acreditava que seria o instrumento necessário para matar qualquer besta-fera que habitasse na floresta. Em passos silenciosos e esgueirando-se por entre a trilha, Oniros viu, enfim, a quimera!

A quimera não era um monstro horrendo... contrariava as narrativas antigas... era na verdade uma figura feminina. Parecia uma mulher da cintura para cima, com a parte inferior semelhante à de um leão ou de uma pantera. Com o punhal em riste, o jovem se aproximou vagorosamente até a criatura, pensando que a surpreenderia em um único golpe, fazendo-a confessar a resposta do enigma.

A quimera, porém, com uma gargalhada jocosa, de supino, olhou para Oniros e disparou: “Olá jovem elfo azul! Acha mesmo que vai me surpreender? Ouvi seus passos enquanto se desstedentava às margens do pequeno regato. Se quisesse, eu teria te destroçado naquele momento. O seu instinto de caçador é muito ruim... seria melhor você retornar ao reino para não ser abatido por outros seres que habitam esta floresta. Nem todos serão tão condescendentes como eu”, finalizou soltando outra gargalhada. Pendendo do pescoço da quimera estava um cordão com uma flor de ouro e de branco marfim.

Oniros não conseguiu disfarçar. Os seus olhos estavam vidrados no pescoço da estranha criatura que falava com ele. Esboçou uma reação de avançar em direção a ela, quando a quimera novamente falou:



“Entendo... entendo... você não está perdido elfo. Está em busca do pingente que trago comigo! Então, se me recordo bem e como me recordo, é portador de uma predição ruim. Somente decifrando o enigma e portado meu pingente conseguirá se livrar da sorte negra que recai sobre ti”.

“Como ela poderia saber disso?”, questionou-se mentalmente o jovem elfo azul.

“Como posso saber disso? Você se questiona...”, falou em alta voz a quimera. “Eu sei, porque nem sempre fui esse ser. Já fui uma de vocês. Contudo, o destino também foi ingrato comigo e, pela força de uma magia, fui convertida nesta criatura que se apresenta diante de seus olhos. Alguns dons, porém, consegui conservar e um deles é a leitura de mentes”, arrematou a criatura fantástica.

“Proponha-me, então, o seu enigma!”, exclamou Oniros.

“Sabes da consequência em não o decifrar?”, indagou jocosamente a quimera.

“Sim! Eu sei!”, exclamou o jovem.

Novamente, com um sorriso na face, a quimera propôs seu enigma: “Dançam as estrelas pelo céu sem fim. Dançam, na luz da noite, a estrela carmim. Dança lua prateada. Dança o sol dourado. Qual o nome das donzelas que fiam o tecido sem fim”, sentenciou indagando a quimera. Em arremate, ela disse: “O tempo corre contra você. Você tem



uma fração ideal de dia para responder o enigma”, ou seja, Oniros teria apenas uma hora para responder o fatídico questionamento da quimera.

Depois de transcorrida quase uma hora e com a testa molhada de suor de tanto pensar, a quimera foi se aproximando sorrateira. Oniros, concentrado, olhou para o reflexo da água que tremulava com as lufadas do vento. Olhando-a firmemente, ele respondeu: “As donzelas são as três fiandeiras do destino: Atropos, a personificação do passado; Cloto, o presente; e Láquesis inflexível, o futuro”.

Uma luz preencheu o lugar e a quimera, dantes um monstro, agora tomava sua forma originária. Havia quebrado o encantamento que a transformara. Como recompensa, a jovem entregou a ele uma flor de ouro e de branco marfim, libertando-o de sua predição ruim.



Sobre os autores

André Galvão nasceu em Salvador e atualmente vive em Amargosa (BA). Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Minho (Portugal). Coautor do livro de poemas *Redescobrir-se: poesias de fim de século* pelo Selo Editorial Letras da Bahia / FUNCEB (1998) e autor de diversas obras literárias. Contato: almgalvao@uol.com.br.

Bárbara Leal Pippa, nascida em Juiz de Fora (MG), é estudante de artes, tatuadora e escritora com participações em diversas antologias, que busca sempre aprimorar sua escrita para não parar de desenvolver. Contato: babi_pippa@hotmail.com.

Carla Taíssa nasceu em Santa Catarina, é estudante de Jornalismo na UNINTER, colunista esportiva, fotógrafa, desenhista e escritora. Com 26 anos, tem um livro de crônicas publicado na Amazon: *Confissões de uma Leoa*. Contato: carlataissa2@gmail.com.

Evandro Valentim de Melo é brasileiro, casado, pai e avô. Mestre em Gestão do Conhecimento e da Tecnologia da Informação, especialista em Gestão de RH, administrador e escritor. Publicou *Guardiões do cerrado* (Assis, 2018), *Aventura no cerrado* (Assis, 2017) e diversas obras. Contato: ordnave.melo@gmail.com.

Jhonatan Mata é jornalista, doutor em Comunicação, pela ECO-Pós UFRJ e Blanquerna School Barcelona. Libra com ascendente em Rei Leão. Autor dos livros *Um telejornal pra chamar de seu* (Insular, 2013) e *O Amador no audiovisual* (Editora UFJF, 2019). Contato: jhonatanmata@yahoo.com.br.

João Eduardo C. W. Cruz é natural de Salvador (BA), onde reside. Tem formação em Medicina Veterinária (UFBA) e se especializou em Clínica e Cirurgia em Pequenos Animais. Escrever monografias acendeu sua vontade de escrever literatura. Contato: jewcruz@hotmail.com.



João Libero Rosa Marques é natural de Sorocaba (SP). É membro efetivo e diretor cultural da Academia Peruibense de Letras, cadeira 31, patrono Mario Quintana. É sócio correspondente da Academia Sorocabana de Letras e colunista do Jornal de Peruíbe. Contato: joalibero46@gmail.com.

Joaquim Bispo é português, licenciado em História da Arte, reformado. Iniciou a escrita de ficção em 2007. Frequentou oficinas literárias presenciais e na Internet, publica mensalmente na revista literária eletrônica Samizdat desde 2008. Contato: episcopum@hotmail.com.

Luan Claro de Lima Mendonça, 29 anos, nascido em 05 de junho de 1989, em Jataí (GO). É um historiador fascinado por cinema e filosofia. Contato: luan.claro89@gmail.com.

Lúcia Helena Gomes nasceu em Rio Casca (MG). É autora dos livros: *Simplicidade* (Buriti), *A Estrelinha que Caiu do Céu* (Multifoco), *O Pintor* (Autografia), *Nas Asas da Poesia* (Multifoco). Participou de diversas antologias. Contato: luhegomes@gmail.com.

Lu Evans é formada em Jornalismo. Começou sua carreira artística na dança, primeiro como bailarina, depois como coreógrafa. No final da adolescência, passou para o teatro, trabalhando como atriz, coreógrafa, produtora, diretora e dramaturga. Contato: lucieneevans1@gmail.com.

Maria Aparecida Sanches Coquemala é licenciada em Letras, com especialização em Linguística. Pedagoga. Premiada pela UBE-RJ com *A Gruta Azul*; pelo Governo da Paraíba com *Carnaval*; pelo Correio das Artes com *À Espera*; e pela Ed. Porto de Lenha com *Vozes da Primavera*, coletâneas de contos. Contato: maria-13@uol.com.br.

Meg Mendes é estudante de Letras e escreveu seu primeiro livro aos 15 anos. A antologia *Por baixo d'água* é sua primeira seleção, onde possui dois contos, além de sua participação em várias outras antologias. Contato: daniele.fleite@gmail.com.



Paulo Luís Ferreira é natural de Recife (PE). Fotógrafo de profissão. Graduado em História e Geografia. Tem contos publicados por revistas literárias e virtuais. Contato: pluis.177@globomail.com.

Rodrigo Mendes tem 33 anos. É natural de Telêmaco Borba (PR). Atualmente, reside em Fazenda Rio Grande, região metropolitana de Curitiba. É músico autodidata. Especificamente, clarinetista. Cursou duas faculdades, sendo Gestão da Produção Industrial e Filosofia. Tem vários textos em antologias publicados por diversas editoras. Contato: watchcello@gmail.com.

Rozz Messias é casada e mãe de dois filhos. Mora em Colombo (PR) e atua como professora inovadora na Prefeitura Municipal de Curitiba. Gosta de fazer caminhadas, é amante de cães, em especial de sua pitbull: Mel. Aprecia boas séries, culinária e café passado. Contato: rozz.mcs@gmail.com.

Sergio Dias de Oliveira é cristão, poeta, escritor e comunista. Contato: sergioled74@gmail.com.

Tauã Lima Verdán Rangel é natural de Mimoso do Sul (ES). Mestre e Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Autor do livro *Fome: Segurança Alimentar & Nutricional em pauta* (Editora Appris, 2018), entre outros. Contato: taua_verdan2@hotmail.com.





Obra produzida com exclusividade para a Editora Jogo de Palavras, em outubro de 2019.